Toda a sorte de ausências, mesclado ao discurso que torna muito claro as intenções do Estado em conceder aos pobres uma moradia ao mesmo tempo em que esses mesmos pobres "esquentam" o lugar de forma a produzir futuros processos de valorização do espaço, são presentes no depoimento de Dalva. E não foi apenas os mutuários da COHAB que contribuíram para isso, já que a quantidade de mutuários desistentes do conjunto, no início de sua ocupação, foi muito grande. Entram em cena os "invasores", já mencionados anteriormente, que ao ocuparem as chácaras e outros arredores abandonados, reproduzem a possibilidade de realização da economia urbana. Se isso não se tornou plenamente possível com os compradores regulares dos apartamentos e casas, os irregulares cumprem, por conta da imensa necessidade de moradia, todo esse papel. E assim, torna-se possível a ocupação de um lugar que até mesmo entre os mais pobres era rejeitado.

> "[Aqui] era bem perigoso. Porque daí muita gente não aceitou e começou as invasões... [...] E tinham nessas pessoas, veio os bons e vieram os... (não-dito) [...] você ia na COHAB, fazia a inscrição, entrava... Muitas pessoas vinham aqui, olhavam, diziam 'não vou ficar aqui, porque sem condições!' e deixavam! Deixavam, pra voltar quando melhorasse. Então, assim, muita gente começou a invadir, foi ficando... [...] Muitos foram ficando, muitos foram na COHAB e legalizaram a situação, outros foram embora, alguns outros vieram os donos e pediram reintegração de posse, aí foi assim." [Dalva]

Então, o processo de ocupação da região de Santa Etelvina foi marcado por diversas "frentes pioneiras", em uma imagem que pode ser perfeitamente aludida à conquista das fronteiras nos recônditos do Brasil. As fronteiras urbanas, desbravadas em vários processos diferentes, se entrecruzam em suas territorialidades e no campo das lutas, ao passo em que reconfiguram outros territórios possíveis. Os terrenos que não se realizavam mais como chácaras e fazendas agora se realizam como moradias urbanas e suprem, de forma extremamente precária, a necessidade física de milhares de pessoas ocuparem um lugar no espaço. A lei da física, quando se entrecruza à lei da economia

política, produz uma cidade onde os pobres são os grandes pivôs, ainda que de forma inconsciente, de um gigantesco processo de valorização do espaço. Essa valorização, no entanto, não ocorre de forma homogênea no espaço-tempo: os conflitos e as contradições tecem toda uma trama social que se mescla aos processos de reprodução do espaço. Voltar ao lugar "quando melhorar" significa a percepção de que, em algum momento, será possível reproduzir os territórios da família e do trabalho em um lugar que tenha, pelo menos, algum atributo do urbano, mesmo alienado, mesmo cindido. É preciso esperar que o quotidiano chegue, afinal a esse lugar tão desprovido desse urbano.

No entanto, como já fora dito, este urbano demorou muito para chegar à Cidade Tiradentes. Não que ainda tenha chegado, posto que de uma forma ou de outra a presença se coloca no campo das representações. Em outras palavras, a quantidade de equipamentos de consumo, de serviços públicos, o terminal de ônibus de onde saem linhas regulares para variadas localidades da metrópole etc. aparecem, em certo momento, como a presença desse urbano, ao nível de um quotidiano que já fora conquistado, pelo menos para uma parcela da população de Cidade Tiradentes. E, mais uma vez, em relação ao papel desempenhado pelas formas institucionalizadas de luta social, o depoimento de Dalva demonstra uma desconfiança no tocante à real possibilidade de transformação social que as inúmeras associações e outras organizações deveriam promover. Mas...

> "A função, por exemplo, das associações de bairro é ta melhorando o bairro. Mas, assim, não tem uma assim, que você tivesse tomado a frente, você falar assim ó, 'não, essa associação aqui ta ajudando a mudar o bairro', tinha não. A gente não viu nenhuma porque, é assim, [...] depois você começa a fazer pacto com o governo, e aí você já viu, né? O pessoal já começa a desviar a função do que é uma associação. [...] Eu não, assim, eu não vi, se você for procurar, cê tem... quase 190 associações, certo? Então, a função delas, o que eu vejo, é a distribuição de cesta básica, distribuição de... dessas coisas assim, certo? Poucas agora que estão começando a ter curso profissionalizante, igual às 'Bravas Guerreiras', [...] então é agora que tem algumas que... elas começam a receber algum

> incentivo, então elas começam a ter que mostrar alguma coisa. Agora sim, nessa área da Educação. Mas, de dizer assim, de melhorar o bairro assim, [...] não vi nenhuma assim, que se tem como referência, como referência de falar assim, 'não, vamos mudar a cara da Tiradentes'" [Dalva]

As limitações do associativismo local se colocam dramaticamente na fala de Dalva. As razões para essa limitação são múltiplas, complexas, e estão imbricadas com outras questões, tais como a político-partidária. As escalas do político, que transcendem os interesses e os jogos de poder locais, se territorializam e capturam a essência da luta possível. Esse possível, quando colado a uma suposta "causa" partidária, se auto-limita, se restringe ao sabor dos acontecimentos políticos da ordem distante, não tendo uma relação mais direta com os moradores de Cidade Tiradentes. A ausência de mecanismos mais eficientes de participação popular nos processos decisórios locais reflete as práticas históricas e sobejamente conhecidas de tutelagem e paternalismo dentro da tradição política brasileira. São as lutas pelo lugar totalmente invadidas por interesses vários, muitas vezes alheios a um real e necessário despertar da consciência política dos moradores de Tiradentes.

> "Agora que a subprefeitura, que o prefeito ta dando [...] uma certa importância porque aqui sempre foi reduto do PT, não é? Agora, eles, o PSDB quer tirar de qualquer jeito, né, então eles começam... [...] Ah, porque aqui... Eu não sei, olha, eu não sei, acho que teria que ser feito um estudo pra saber o que que eles tem com a Cidade Tiradentes. Porque de repente ela passou a ser importante. Porque tinha aquele negócio assim, a Marta[125] falou assim, 'a Cidade Tiradentes é a menina dos meus olhos', e ela começou, ela que começou a dar esse impulso de subir. Tem bastante jovens aqui que se destacam, por exemplo, tem o Roberto que está fazendo Medicina em Cuba, agora tem a Janaína também que foi, tem assim, tem um movimento assim de rap, igual o Aliança Negra que começou a mostrar assim um trabalho mais de política... [...] aí, antes, eles tinha aquela, assim, como se diz, aquele entusiasmo, os jovens desses

[125] Marta Suplicy, prefeita de São Paulo entre 01/01/2001 e 31/12/2004.

> grupos. Até que eles foram mordidinhos assim, e aí, então, eu acho que começou... Tem ainda, mas [...] a gente percebe que não é mais aquele entusiasmo que tinha, que a gente falou, 'pronto, ta vindo os revolucionários nossos!' [...] Até pela sobrevivência deles, que a gente também tem que entender isso. Além de sofrerem muita discriminação, né, eles já não é mais... Se continuasse naquele pique." [Dalva]

Os limites do associativismo são interpretados por Roberto, marido de Dalva, como oriundos de uma estratégia política de "multiplicar pra dividir". A quantidade de formas de luta dentro da Cidade Tiradentes expressa a pulverização da luta de todos pelo direito à cidade.

> "Talvez o próprio estilo dos movimentos. O último levantamento, só aqui tinham mais de 155 organizações sociais. [...] Então, não tem condições. [Os políticos acabam usando essas organizações para] coisas políticas, não é? 'Aquela é ligada à corrente tal..' [...] Mas o interesse do Estado é exatamente esse, é de dividir." [Roberto]

Dentro do contexto do crítico, as relações sociais, de associativismo e de luta tendem a perpassar por várias formas de fragilidade. A institucionalização da lutas, aliada à desmobilização produz, na percepção de Dalva, uma situação onde as condições estabelecidas são marcadas pela impossibilidade de crédito a certas formas de luta. A **sobrevivência** fala mais alto e, dentro de um atmosfera social atravessada pelo crítico, a marca do individualismo se sobressai em relação às possibilidades reais de associação. O que vem à tona é um ambiente de fragilidade no tocante às possibilidades de reivindicação, o que também interfere sobremaneira na paisagem. Ocorre uma grande preocupação com os "adensamentos" que é a construção de novas moradias em áreas destinadas, no projeto original, à implantação de praças ou demais áreas livres. A incessante busca pelo equacionamento do déficit habitacional, marca das ações do poder público invadido pelas impossibilidades do crítico, produz esse quotidiano imposto aos pobres da forma mais dilacerante. A falta do espaço vital dentro dos conjuntos habitacionais se alia à falta de outros mundos possíveis. De uma forma até paradoxal, o "estar junto" impõe a necessidade de "separar, porque não cabe mais". Trata-se dos limites dentro dos termos do crítico.

> "E a população não fica esclarecida, porque teria que parar de vir esse pessoal pra cá, porque aqui não tem mais onde. Porque, aí você veja bem, falta o lazer, o pessoal daqui fizeram essa praça aqui [Praça do 65], chega domingo à tarde, isso aqui lota, porque muita gente não tem o dinheiro pra ta saindo, é longe. [...] Então, teve inscrição pro CEU aí, segunda-feira agora começou pras pessoas de 18 a 59 anos. Teve gente que foi onze horas da noite pra fila, pra fazer inscrição. O pessoal ta fazendo inscrição pro ano que vem. Então, no lugar deles estarem investindo, fazendo prédio, eles teriam que estar fazendo praças. Praça, bibliotecas, sabe, estarem construindo, igual, tem o Pombas Urbanas lá, eles têm um espaço assim, mas lota. Num espaço pra 150 pessoas, aquilo ali, diz que lota ali. Então, eles tinham que estar fazendo isso, e não construindo mais prédios." [Dalva]

Os adensamentos, no entanto, são muito benéficos, talvez, a certos setores políticos entranhados na administração pública. Entretanto, ao excluir a possibilidade de um espaço vital para todos por intermédio dos adensamentos, as estratégias de classe são mais uma vez vitoriosas. Os espaços públicos constantemente lotados porque escassos em Cidade Tiradentes revelam a produção do espaço enquanto uma raridade, o que serve a diversos interesses, no âmbito do econômico e do político. O uso do espaço da rua em Tiradentes coloca sua possibilidade de realização, no jogo político-partidário, como uma espécie de "grife". Vender imagens, representações, idéias de um poder público ausente ao mesmo tempo que presente, confere altos dividendos políticos a certas pessoas interessadas nesse expediente.

> "Aí, por exemplo, hoje os camelôs daí tiveram que sair tudo. Olha, você vê o absurdo! Ali embaixo ficam os camelôs. Então, 'vamos inaugurar uma ala do hospital!'. [...] Porque passa lá embaixo você vai ver, você não vê camelô. Hoje de manhã, eles montaram, na hora em que eu estava vindo da banca prá cá, já tinham tirado todo mundo! Eu falei, 'mas o que que aconteceu?' 'ah, não, é porque... está vindo um grandão aí, pra inauguração!' Ou é no hospital, ou é no CEU, que agora vai ser assim, hospital ou CEU. Então eles vão inaugurar uma ala, aí vai vir não sei quem lá, do governo, não tem ninguém. Amanhã, os camelôs estão tudo aí de novo!" [Dalva]

Outra face do crítico se coloca na reprodução dessa sociedade calcada no **espetáculo**[126]. Imagens que se realizam nelas mesmas, todas postas dentro de uma necessidade de efetivar a propaganda, coloca o espetáculo como a expressão do mundo da mercadoria. Os vendedores ambulantes, indesejáveis dentro de todo um processo que os inclui e exclui dependendo dos interesses vigentes no momento, não puderam fazer parte dessa "festa". Cidade Tiradentes, tal como uma "grife", tal como uma imagem que pode render muitos dividendos políticos, coloca a reprodução da economia urbana nos termos da subjugação, da submissão de uma considerável parcela da população citadina às tramas do clientelismo e paternalismo. Prática do imaginário político brasileiro que vem de tempos, essas faces do atraso se colocam na agenda de uma sociedade que se reproduz nas teias do espetáculo, na produção da política dos "factóides". São essas expressões de um lugar concebido e produzido dentro da teia do crítico do urbano, o limite de uma urbanização que nunca foi capaz de se realizar, de forma efetiva, para a maioria da população das cidades brasileiras. Em relação a São Paulo, a fala de Roberto revela uma forma interessante de interpretação a respeito dos conteúdos da produção da metrópole.

> "Aqui é assim, vai colocando, vai vendo como precisa. Imagina você, novo, você comprou um terreno, você fez um quarto. Você casou, você

---

[126] A sociedade do espetáculo é uma perspectiva de trabalho de Guy Debord, incluída na Internacional Situacionista. Em seu livro intitulado com o mesmo nome, Debord afirma na primeira de suas 221 teses que "toda a vida nas sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação" ([1967] 1997, §1, p. 13). Ainda sobre tal estágio de desenvolvimento desta sociedade, Anselm Jappe (1999) tece um interessante estudo sobre a obra de Guy Debord, no qual indica que "este estudo tem por objeto, antes de tudo, a **atualidade** da teoria do 'espetáculo' tal como foi elaborada por Debord e sua utilidade para uma teoria crítica social contemporânea. Demonstrar-se-á que o espetáculo é a forma mais desenvolvida da sociedade baseada na produção das mercadorias e no 'fetichismo da mercadoria' que daí decorre, conceito cujo verdadeiro significado se procurará clarear. Demonstrar-se-á, igualmente, em que medida esse último conceito constitui a chave para compreender o mundo de hoje, onde o resultado da atividade humana se opõe à humanidade a ponto de ameaçá-la de extinção através de uma catástrofe ecológica ou da guerra." (1999, p. 13, grifo do autor). Assim, a teoria do espetáculo vem justamente na esteira da crítica mais radical a esta sociedade, nos seus principais fundamentos.

> fez mais um quarto. Veio um filho, você fez outro quarto. Veio outro filho, ou mais dois filhos, você fez mais um quarto. A Tiradentes é assim, sempre correndo atrás. Não tem um planejamento da situação, 'olha, vou fazer assim, e vai ser fixado assim, assim, assim e assim', nada é feito assim. Não tem consulta com a população. **[A Cidade Tiradentes] é um puxadinho**." [Roberto, grifo nosso]

O "puxadinho", feliz expressão de Roberto advinda de nossa conversa, denota outra interpretação por ele mesmo feita, na qual "sempre se corre atrás" do prejuízo. Esse "sempre correndo atrás" é a tônica de um urbano estruturalmente desigual, estruturalmente impossível para a sua população em geral. É a expressão mais acabada do que podemos chamar de "implosão urbana". E dessa forma, a cidade vai sendo construída no ínterim dessa concepção e desse modo de conceber o urbano. Um prejuízo que nunca tem conserto, uma casa cuja construção nunca terá fim, um modelo de apropriação do urbano que nunca será para todos. A Cidade Tiradentes, desde seus primórdios, tem sido constituída de acordo com esse expediente: o da exclusão, da segregação, da negação.

2.6.1.1. O caso de Cláudia na sua luta pela terra

Cláudia é moradora de Santa Etelvina desde 1969, juntamente com sua mãe, Áurea. Seu caso, dentro desse intrincado complexo de lutas, é o seguinte: ela possui a sua casa e um pequeno comércio num terreno cuja situação é ainda irregular do ponto de vista jurídico. E, para tanto, segue lutando desde a década de 1990 para conseguir ter a propriedade definitiva reconhecida, por força do usucapião. Suas origens remontam ao estado do Paraná, de onde saiu com sua família quando entrava na adolescência e, dentro de uma trajetória que compôs a passagem por outras locais de moradia, se estabeleceram na região de Santa Etelvina.

A briga de Cláudia, expressa em seu depoimento a seguir, é uma expressão da quantidade e qualidade da luta pelo espaço: o jurídico

atravessando o quotidiano. Sua luta, muito além de um atributo ou uma necessidade individual, revela as possibilidades de apropriação de um lugar que ainda não se realiza plenamente enquanto urbano, nem mesmo no campo jurídico. Além disso, aponta para um futuro, um possível, no momento em que expõe os limites da realização da economia urbana impostos pela resistência quotidiana de indivíduos que não têm outra alternativa de vida a não ser continuar lutando.

> "Eu tou ainda na briga daquela terra, sai [nos documentos levantados] que é [pertencente à família] Resende. Ali onde eu tou morando. [...] Vai pra dez anos, dez anos, entrei ali numa briga, ganhei um pedaço de terra, e tou brigando... Aliás, ali é um lote só, todas aquelas casas que você está vendo lá, quatro com a borracharia, é um lote só. [...] A área toda, [...] porque há mais de trinta anos que não tem nada, não aparece nenhum herdeiro da terra. Tanto que a pessoa que briga conosco aqui, diz, que ela foi parar no tribunal agora. Porque ele tem que provar 'por A mais B' que é dele. Não é dele! É desse amigo que está ali há mais de vinte anos. [...] Não tinha documento de nada, não tinha contrato de aluguel, não tinha nada. O padrasto foi embora e ficou aí a borracharia, ninguém com documento nenhum. Aí, apareceu um rapaz dizendo que é dono da posse, também não tinha documento. Só que essa pessoa vendeu essa posse pra esse que briga conosco até hoje. Mas só que esse que briga com a gente não tem documento. Só que ele foi muito esperto, ele tirou [...] um documento de posse da área. [...] Então, aí vem essa história, essa briga foi quando eu entrei pra ajudar o rapaz. [...] Eu não tenho muito estudo, mas a gente tem um pouco de experiência. Numa horinha ele arranjou um advogado e essa briga já gera mais de vinte anos. [...]"

A luta pela terra compõe uma territorialidade atravessada por diversos interesses. Enquanto moradia e local de trabalho, a terra é a importante base para a reprodução da vida, e dessa forma tem que estar nessa agenda de luta. Expressão dos interesses diversos que atravessam essa área da Cidade Tiradentes, a percepção de Cláudia aponta para o caso de uma calçada, implantada pela prefeitura, que produziu uma questão que vai, com certeza, muito além da calçada...

> "O subprefeito, foi uma briga nossa com essa calçada horrorosa aí, que ele queria que nós pagássemos por metro quadrado, ninguém pagou... [...] Nossa, foi reuniões e discussões lá, nossa, só aqui a frente da minha mãe aqui ia ficar em torno de R$ 1.200,00... [...] foi uma briga, tanto que meu pai na época, ainda doente, falou, 'como, eu sou um aposentado doente, como que eu vou pagar?' Nós teríamos que comprar esses tijolinhos, aí a prefeitura entrava com a mão-de-obra. Ainda, inclusive, um cidadão veio e nos ameaçou, disse, 'então, tudo bem, vocês não vão pagar, vocês vão ver os impostos!' Nem IPTU nós temos! [...] Nós não tem nada! [...] Ah, porque tinha grama, pedra que no caso a Prefeitura deve ter fotos, mas apenas desse pedacinho, um pedacinho mais ou menos, porque cada um tem a sua calçada aqui, cada comerciante fez a sua calçada, né. [...] **E aqui a nossa entrada vai ser futuramente tão valiosa quanto a Avenida Paulista de caro, porque cada metro quadrado daqui vai ser uma fortuna.** Talvez seja a briga pra tomar o que a gente tem" [grifo nosso]

Existem muitos projetos em curso para a "entrada" de Cidade Tiradentes. São projetos que não aparecem de maneira clara, talvez nem estejam integrados, mas já são indicados pelo próprio quotidiano de quem vive a área. O espaço tão valioso quanto a Avenida Paulista se coloca como uma possibilidade dentro da percepção de Cláudia, aliado às informações que chegam de forma fragmentada sobre os usos possíveis para a região no futuro. Desde o momento dessa entrevista, em novembro de 2007 até a nossa última visita ao local, em maio de 2008, não houve sequer um tijolo arrancado dessas casas. Mas o possível é sempre o possível, não importa se ele se realizará hoje, amanhã ou daqui a dez anos. O fato é que existe um processo de valorização em curso, que se realiza em velocidades e ritmos diferentes de acordo com as circunstâncias individuais e sociais do momento. Mas o momento é também uma expressão do todo, que é o processo. Mais uma vez, coloca-se o caso de sua vizinha, Luzia, que tem a sua casa ameaçada por este processo em potencial, ainda não realizado.

> "Vai ser difícil [para a Luzia], porque aí é da COHAB, e o projeto daí é de um Posto de Saúde, já foi marcado, filmado, fotografado. Nossa, já foi

> tudo demarcado, é um Posto de Saúde. [...] Possivelmente [esse terreno] da minha mãe também vai sair fora também, porque a rua... [...] A rua [de cima] vai ter continuidade pra cá, nós não sabe se é esse terreno, se é o outro terreno! [...] Porque ela termina aqui, ela é uma rua sem saída. Ela vem, contorna e volta... [E vai ligar] com a Márcio Beck. É que, segundo lá também, vai ter uma ligação, não sei, disse que tem um projeto, possivelmente um viaduto, não sei. [...] E aqui a pista vai ser aberta, vai ter outra pista. Minha mãe acho que perde uma [...] pra lá, acho que até mais ou menos... eu acho que prejudica a casa. [...] Vai duplicar, devido ao Hospital, a faculdade... [...] Segundo a informação que vem, a gente não sabe... Da minha mãe aqui, é certeza. Agora, eles não sabem se vai ser do outro lado, por isso eu acredito que nós agora, onde estamos, eu agora estou com o comércio na frente, eu acredito que sai tudo. Eu acho que fico só com a casa. A minha casa é lá no fundo! [...] Eu sempre tive receio de construir em cima, eu sempre achei que ali vai sair, porque segundo... Eles medem aqui constantemente. Medem, filmam... [...] Aí, estão falando que nós vamos perder cinco metros. [...] Se eu perder cinco metros, óbvio, que nós vamos perder metade do salão. Mas, por mim, tudo bem, não perdendo o resto, ta bom."

Diversos interesses vão pontuando toda a trama de lutas a propósito do espaço. Zonas de sombra vão se articulando no seio dessas lutas, expressam uma face da reprodução do urbano que passa muito além do que é estabelecido no jogo da lei. As ilegalidades se mesclam nesse jogo, que não tem regras claras e não é capaz de colocar um vencedor ou um perdedor. Em síntese, todos são perdedores de alguma forma, dentro de um contexto de reprodução do espaço urbano onde a economia política regula toda essa ausência de regras.

> "Muita sujeira. [...] Esse terreno [vizinho ao nosso, lado direito] existe dono, tem escritura e alguém (pegou). [Esse terreno da frente] também é um pessoal que tem história, mas eles são tão retraídos. [...] Tem medo de falar. [...] Esse pessoal dali do lado, nem pergunta, porque ele é coligado com esse pessoal, então são mafiosos mesmo, influenciados com justiça. [...] Eu não tenho tanta certeza, mas óbvio, né, o cara sabe tanto da minha vida particular, a gente acredita que ele está envolvido com quem briga conosco, pra nos tirar daqui. [...] Porque no dia [do julgamento da disputa pela terra], foi assim, meu advogado ligou e falou, 'ó, preciso dos

> nomes dos testemunha, que vai pra julgamento'. Pegou o nome dos testemunhas, não chamou pra julgamento e foi julgado. A justiça deu sentença favorável a eles, quer dizer, em primeira instância nós perdemos pra... 'Como, não teve julgamento, se ninguém...', o que rolou por trás disso? [...] Não precisava nem falar. Pra esse pessoal que briga conosco. [...] Então, tem alguém muito poderoso por trás, [...] a briga está muito feia."

Grandes equipamentos de comércio e consumo são previstos nesta teia de interesses, ao lado de grandes projetos voltados ao incremento das possibilidades de fluxo locais. São projetos que, por sua natureza, trazem consigo o ingrediente da valorização fundiária. Uma área estritamente residencial invadida por um centro comercial de grande porte, como um shopping center, por exemplo, tende a sofrer esse processo especulativo, intrínseco ao estatuto da propriedade privada da terra. Um local onde os fluxos serão remodelados, dentro de uma metrópole carente de possibilidades de fluxo intra-urbanos, também entra nesse processo de valorização.

> "Negreiros até o Barateiro, diz que tem Casas Pernambucanas, um mini-shopping, que na realidade diz que essa região que eles queriam, tanto que aqui, que nem com minha mãe aqui, falou que entrava até em negociação, até ali, a gente, eles fizeram um acordo conosco... [...] Ouvi papos de que isso daqui vai ser um anel viário, igual São Mateus, com um balão, porque como vai vir os ônibus..."

Esses projetos todos em pleno curso, porém até este momento ainda não iniciados, impelem Áurea, mãe de Cláudia, a querer vender o seu terreno. Esse terreno, território da vivido de grande parte da história dessa família, possui um grande significado para Cláudia. A economia política do espaço invade mais uma vez as possibilidades de reprodução do espaço vivido. Os planos de Áurea para o seu terreno, conquistado a duras penas por outro processo judicial de usucapião do terreno[127], parece reproduzir toda a história de transformação das chácaras e da Fazenda Santa Etelvina em Cidade Tiradentes: a

---

[127] A vitoriosa luta de Áurea pelo seu terreno está detalhada em seu depoimento, logo a seguir.

impossibilidade imposta pelo corte geracional, da reprodução da família, aliado à transformação estrutural do espaço. E a história de Santa Etelvina se repete...

> "A prefeitura [...] diz [que esta é] uma área comercial. Portanto, eu estou querendo vender. [...] era o sonho do meu marido, né, vender, sair daqui, vai fazer, dia 16 agora, vai fazer 5 meses que ele faleceu, fiquei muito sozinha... Dá dó, dá dó de vender, porque, você olhou o quintal, né? [...] Todas as plantas que têm aí dentro, foram plantadas as sementes que ele plantou, entendeu? Então, isso daqui traz muita recordação, viu? [...] eu fico muito triste aqui. Eu estou fazendo atividades do CEU, eu vou, faço três na semana, onde eu preciso mesmo fazer ginástica, eu entro lá... e outra, pra arejar a cabeça, porque eu cuidei dele um ano, ele passando mal, mal, mal... passava noites e noites sem dormir, então... Eu tenho vontade de sair." [Áurea]

A luta de Cláudia, que não se restringe ao seu terreno, no outro lado da rua, se estende ao pomar plantado pelo seu pai, durante um largo período de anos, quando a família se reproduzia em um território em transformação. Enquanto o urbano chegava, num lento e arrasador processo, seu pai plantava e cultivava o pomar no quintal de sua casa. Esta é a luta contra o espaço amnésico, contra o processo de especulação que é prenhe da reprodução dos não-lugares. Para além de um romantismo, lutar pelo lugar é lutar pela sua memória, que se traduz em sua identidade.

> "[...] cada planta dessa que você vê foi meu pai que plantou, tudo isso daqui, quer ver, dá uma olhada aqui. [...] Sítio, aqui é um sítio. E dói na alma a minha mãe vender isso, e eu pra mim, se eu pudesse preservar isso, nunca venderia isso. Olha, o nosso fogão de lenha... [...] Eu falei que se um dia alguém comprar, eu queria que alguém comprasse e não destruísse jamais isso. Pé de jaca plantado pelo meu pai. [...] [Vai tirar] tudo!!! E isso é cruel! Isso é doído, se ter lá alguém, que tivesse interesse em preservar. [...] Porque do jeito que está aqui, ó, isso foi tudo plantado pelo meu pai, está aqui, ó. História de um homem que hoje está sepultado, mas está aqui. Eu tenho paixão por isso, eu por mim nunca destruiria. Porque se chegar pra vender e alguém falar assim, 'não deixa vender', valer a minha assinatura, minha mãe está perdida. Isso é minha paixão, gente, daqui a pouco a gente não temos mais uma árvore, nós não

temos mais nada! Nada! Eu acho que não tem dinheiro nenhum que pague isso. [...] [Tudo isto está] por um fio, amigo, porque, né, porque a valorização, o valor imobiliário virá e tombará isso. Tanto que eu falei, que eu queria encontrar aquele pessoal paisagista, porque eu posso vender, doar, esse pé de jaboticaba. [...] Isso é raro! [...] Já pensou se pudesse incluir essa área com tudo isso e não destruir, fazer isso? [...] Isso aqui eu tenho paixão assim forte. Quem um dia adquirir isso, espero que preserve, né?" [Cláudia]

Foto 4: O fogão de lenha do quintal da casa de Áurea, mãe de Cláudia

O fogão de lenha e as árvores frutíferas plantadas no quintal sinalizam a presença, na memória, de vida perdida no passado. Contudo, essa presença se faz sentida na possível ausência de elementos materiais que possam conduzir a essa memória. A luta pelo lugar, aqui, está duramente e dramaticamente expressa no quotidiano. Esse nível da prática social comporta as vontades, os desejos, as angústias e a necessidade de buscar outros possíveis, de realizar a história nos termos da realização humana.

2.6.1.2. O caso de Áurea e a luta pela terra

Áurea, mãe de Cláudia, coloca a sua percepção do espaço de sua casa atravessada pelo processo de construção da Cidade Tiradentes. É uma

percepção que a leva a buscar situações passadas que expressam o sentido que a implantação dos conjuntos habitacionais teve em sua vida.

> "Quando eu mudei, fazia um ano que tinha inaugurado essa pista, e eles estavam abrindo os alicerces do Saturnino Pereira. Minhas crianças fizeram dois anos no Jardim São Paulo. Iam de a pé, no meio do mato, ali na Pedreira tinha uma represa grande, [...], e eles iam e voltavam de a pé. Naquele tempo era melhor do que agora, sabia? Você podia sair, deixar a casa à vontade, ninguém mexia... Nessa casa aqui, nós fomos roubados duas vezes. [...] Depois que fizeram a COHAB Tiradentes. A primeira vez, estavam construindo, eu não suspeito das pessoas de fora, era mesmo as pessoas que moravam aqui por perto. E a segunda vez, já estava toda construída."

Cláudia parece reproduzir a luta pela terra de seus pais, que se iniciou alguns anos antes. A Santa Casa de Misericórdia, detentora de inúmeros terrenos na região de Santa Etelvina por intermédio de doações e outros instrumentos jurídicos, atravessa a história dessa família. A luta pela terra se deu no campo do quotidiano, por intermédio de recursos jurídicos, de uma disputa que se arrastou por mais de uma década. São lutas que expressam todo o contexto do crítico, onde a moradia, atrelada à propriedade privada da terra, não se efetiva para a grande parcela da população. Eis a história da luta pela terra contada por Áurea.

> "Eu joguei o usucapião aqui, porque quando o meu marido afastou da Santa Casa, [...] a Santa Casa, ela não pediu o terreno, ela não pediu a casa. Ela queria que a gente fizesse um contrato de comodatário, por tempo indeterminado. [...] Como a gente estava morando aqui, nós éramos comodatários [...]. Mas, assim, ele como funcionário 22 anos da Santa Casa, ele tinha um papel lá escrito que ele era empregado quitado, a Santa Casa não poderia mandar a gente sair, sabe? Então, a gente quis fazer um contrato de comodatário, eu tenho guardado até hoje. Aí, quando a gente foi lá, eles mandaram chamar a gente lá pra assinar o contrato, quando a gente chegou lá, que a gente leu, eu falei, 'não, não vai dar pra gente assinar, não'. Falei, 'o senhor me dá uma cópia', eles 'vai tirar com duas cópias, quando a senhora quiser'... ele era muito estúpido,

> sabe esses caras estourados, meu marido pediu assim pra ele, 'faz assim, doutor, não vou assinar o contrato não...' [Dr. Kleinburg] era superintendente. Ele falou assim, 'não'. Porque no contrato rezava assim, rezava desse jeito assim, ó, 'comodatário por tempo indeterminado', se aquilo precisar do imóvel, nós teríamos que sair daqui em trinta dias. Passando dos trinta dias, a gente passava a pagar R$ 100,00 por dia! Eles falaram lá que era um negócio de pai pra filho. Isso não era um negócio de pai pra filho. Aí, eu falei, 'meu marido, não vamos assinar isso aqui não, porque se daqui a um mês eles pedirem a casa nós somos obrigados a sair'. Aí, eles tinham tanta certeza de que a gente ia assinar que as testemunhas assinaram pirmeiro. E era um secretário lá e uma secretária do Sr. Kleinburg, assinaram um contrato. Consultamos um advogado e ele falou, 'não, a senhora não pode assinar isso daqui e fica aí...', ele falou que era trinta dias pra gente resolver, se a gente não resolvesse, ia fazer despejo. Aí, meu marido falou que eles não iam fazer o despejo e eles não fizeram nada. Só mandaram uma pessoa aqui, conversar com meu amigo, se ele não queria, né, aí eles jogaram pra dois anos. Aí, no fim, 'não, nem dois, nem dez'. É onde eu fui fazer o usucapião. [...] Agora, depois que passou de novo, agora, o dono, o dono falou que o terreno era da gente. Então, a gente fez toda a papelada [...]. A Santa Casa não tem escritura, só foi vendido com um contrato, e não pode fazer escritura por doação. Então, eles fizeram um preço bem baixinho, né, como eu estou comprando isso daqui, pra mim bater a escritura."

Áurea coloca todo o processo de sua luta no campo jurídico, atrelada à histórica morosidade da justiça brasileira, paralelo ao processo de ocupação das chácaras abandonadas. Observamos que, dentro do teor de seu depoimento, existe um recurso moral, o que qualifica a invasão das chácaras abandonadas e seu posterior parcelamento como uma desonestidade das pessoas que assim procederam. Essa desonestidade, estrutural dentro de uma economia que nega o direito à cidade à maioria dos citadinos, só pode ocorrer dentro de um contexto onde a necessidade da moradia se apresenta nesse tom de dramaticidade. Além disso, toda essa economia que torna tudo volátil como a circulação de mercadorias, a vida das pessoas é também posta nesse circuito e as empresas também são assim desfeitas por conta dessa volatilidade. A antiga

companhia que administrava a Fazenda Santa Etelvina, pertencente à família Resende, bem como a chamada "Lídia Companhia", outra empresa que é sinalizada como detentora de terras nessa região no período pré-conjuntos, não existem mais.

> "Quer dizer, a gente ganhou isso daqui, foi Deus que deu pra gente, porque nas outras áreas que eu morava lá embaixo, todo mundo saiu bem lá, porque foi invadido, disse que não tinha dono... invadiram, fizeram casa, venderam... Meu marido nunca pegou um metro de terra de ninguém. Então, ele falava sempre assim pra mim, 'está vendo, a gente sofre por ser honesto', porque teve gente lá que pegou mais de dois mil metros de terra, detrás daquela chácara, naquela baixada, [...] foi tudo invadido. [...] Aquela área ali foi toda invadida. Até parentes do meu marido, que estavam passando quase fome lá em Campinas, que eu fui, eu arrumei as chácaras pra eles morarem, foram os primeiros a invadirem ali. Ficaram tudo bem, compraram carro, compraram caminhão, entendeu? Tanto de um lado como do outro foi invadido. Como não tinha dono... [...] era da antiga Lídia Companhia, né. [...] [Essa empresa] acabou, acabou, não tem mais nada. A Resende não [também] tem mais nada."

A percepção de Áurea coloca a Cidade Tiradentes, embora trazendo as vicissitudes de um urbano incompleto, perverso, para a região, trouxe também o "desenvolvimento" urbano, por intermédio da chegada de mais linhas regulares de ônibus, asfalto e alguns equipamentos de consumo.

> "Agora, sobre melhoramentos aqui, melhorou demais. Porque você vê, quando eu mudei aqui, aqui nessa casa mesmo, já tinha uma linha de ônibus, era Carrão, era a cada duas ou três horas passava um ônibus. Ia pra Carrão, pra Guaianases e voltava. Mas, antes, não tinha ônibus. [...] Se você fosse no Iguatemi fazer compra, você ia, fazia compra e vinha com o carro de compra de a pé. Em Guaianases, era da mesma forma. Fui muitas vezes de a pé daqui pra Guaianases, daqui pro Iguatemi... Quando a minha filha foi fazer o primeiro grau, por aqui não tinha escola, era lá no Jardim Esther. Ela tinha que ir de a pé até o Iguatemi, no Iguatemi pegar uma condução até São Mateus, de São Mateus pegar pro Jardim Esther. [...] Aí, ela não concluiu não, porque, bem, começou a

> passar carros... [...] nem carro transitava aí. Era ela, era três meninas e dois meninos, se tornou muito perigoso, e eu vinha todo dia esperar ela aqui em cima. Aí, eu falei, 'olha, minha filha, é melhor você parar, você perder o ano do que perder a vida num minuto'... [...] porque a estrada [já era perigosa antes da COHAB] [...] A estrada passava muitos carros, muitos marginais, né? Você vê, cinco adolescentes, vindo de a pé às onze horas da noite, do Iguatemi pra cá! [...] E era ruim porque não tinha movimento. Passava assim um carro, lá uma vez ou outra. Uma vez, mexeram muito com elas, elas ficaram com medo, depois tornaram a mexer, né, vieram para cá, ofereceram carona... Falei, 'não, pára que é melhor'. [...] Agora, depois que começou a construir a COHAB, aí já tinha a linha Santa Rita, né, parou o Carrão, entrou a Santa Rita, era tudo lá em cima, na avenida. Aí, quando começou, que inaugurou a Tiradentes, melhorou, você vê, aqui tem linha pra tudo quanto é lado da cidade. Tem Parque Dom Pedro, tem Paraíso, tem Ipiranga, tem Princesa Isabel, quer dizer, isso daqui virou uma cidade agora. O que faltava muito era hospital, que inaugurou. Agora, o que falta aqui é redes bancárias. Tem dentro do supermercado, naquele Negreiros, Bradesco, Itaú e do Brasil. Isso aqui melhorou 100%, não foi nem 90%, foi 100%. [...] Foi depois que inaugurou Cidade Tiradentes."

A transformação qualitativa de um lugar rural em urbano nos conduz a pensar nos conteúdos que a metrópole imprime sobre o espaço, e o espaço que é percebido ao nível individual dentro do contexto do quotidiano, nos remete à consideração do **lugar**. O lugar, que vai se transformando e modificando os seus conteúdos, expressa muito bem todo o gigantesco processo de transfiguração de uma cidade que, até a década de 1950, não ultrapassava em suas periferias urbanizadas mais longínquas, a marca de 20 quilômetros de sua região central. A cidade, que chega até os seus limites rurais, aparece, ao nível do percebido, enquanto uma evolução para Áurea, ao mesmo tempo em que traz consigo as desvantagens dessa evolução: o aumento da periculosidade do lugar, por exemplo, é uma marca registrada desse processo.

2.7. À guisa de uma conclusão: como apreender territórios no campo das lutas?

O quotidiano, este prenhe de situações que colocam o crítico a todo momento na vida das pessoas, produz e reproduz esse espaço de lutas, lutas diversas e várias que vão compondo e se recompondo por intermédio das territorialidades que vão surgindo neste ínterim.

Neste capítulo, percebemos que no teor de todos os depoimentos colhidos, tanto dos técnicos da COHAB quanto dos moradores da Cidade Tiradentes, que o processo de transformação desse lugar se deu de forma contraditória, envolvendo uma multiplicidade de processos que por muitas vezes advinham de interesses que se entrecruzaram na trama da produção e reprodução do espaço urbano.

O rural em Santa Etelvina foi se reproduzindo e articulando a presença possível do urbano como um futuro se presentificando, no momento em que as terras foram sendo transferidas, tanto em posse quanto em propriedade, para agentes diferentes. O caso da transferência da propriedade das terras da Fazenda Santa Etelvina, muito emblemático e nebuloso, demonstra essa articulação de interesses por intermédio da articulação de escalas: de Nelson Resende as terras passaram para a Rádio Bandeirantes, em algum momento da década de 1970, que logo depois repassou o terreno à COHAB–SP. No momento dessa intermediação colocada pela Rádio Bandeirantes, houve uma retirada maciça de vegetação, trabalho que foi executado também pela mão-de-obra local. Enquanto isso, a COHAB já começara a pontuar as paisagens da Zona Leste com seus famosos conjuntos habitacionais de grande porte.

Antes de existir esse processo de urbanização na região leste de São Paulo, sua ligação com a cidade que se transfigurava em metrópole já se colocava no seio da construção civil, na década de 1940. As olarias produziam tijolos e a Fazenda Santa Etelvina produzia carvão para essas olarias, então muito lucrativas. Tão lucrativas quanto as olarias, o parcelamento das terras

"cercadas" dos arredores de Guaianases faziam algumas pequenas fortunas a lideranças políticas locais. Ocorre também a projeção de algumas personalidades, no campo da economia local, como Saturnino Pereira e a família Matheus. Essa estrutura semi-urbana de Guaianases, tal como uma centralidade, atendia a estrutura rural de Santa Etelvina e arredores.

O lugar é produzido constantemente por quem vive esse lugar. As chácaras que serviam como casas de fim-de-semana para quem habitava no centro da cidade foram sendo gradativamente abandonadas, por conta da impossibilidade de sua reprodução como chácaras. O urbano se anunciava pouco a pouco, e os conjuntos habitacionais também indicavam a materialização de um projeto de "ocupar e desenvolver" a Zona Leste de São Paulo, como um eixo de desenvolvimento urbano. O chamado "planejamento clássico", em alta na década de 1970, elegia os subúrbios orientais da metrópole como o grande celeiro de presentes e futuros conjuntos habitacionais.

As lutas pelo lugar, no período pós-conjuntos, se dão no contexto das vicissitudes políticas e econômicas que atingem a escala nacional, na década de 1980 e colocam a crise do planejamento urbano vigente até este período. Resultado: a produção dos conjuntos Santa Etelvina e Barro Branco, em meados dessa década, marcou o início de um longo e penoso período de lutas para os moradores da nascente Cidade Tiradentes. Praticamente todas as infra-estruturas que seriam necessárias a essa população foram chegando muito tardiamente, ao passo em que famílias inteiras de invasores "esquentavam" o lugar para futuros processos de valorização.

Nesse ínterim, as redes e as territorialidades foram marcando o vivido e o percebido no nascente conjunto habitacional. Desde muito cedo, obrigou todos os seus moradores a lutarem, no campo do quotidiano, pelas melhorias que aos poucos foram chegando. Mas a quantidade é sempre insuficiente, não é capaz de suprir as necessidades de um complexo de conjuntos habitacionais onde residem cerca de 250.000 pessoas, que precisam se deslocar o tempo todo.

Ao nível do concebido e do realizado, o espaço é apresentado como lócus de moradia em si, sem a ligação necessária com as benesses de uma infra-estrutura urbana mínima. Entretanto, espaço e tempo se mesclam nas teias do vivido, e é esse vivido que vai ressignificar alguns conteúdos do urbano em Cidade Tiradentes. O crítico coloca suas questões, que se transfiguram em formas de luta várias. Cidade Tiradentes é marcada em sua história pelos fluxos e pelos territórios advindos desses fluxos. E como podemos compreender os conteúdos desses territórios? De que forma a análise dessas territorialidades, no campo dos deslocamentos espaço-temporais vão compondo as teias de relações sócio-espaciais de seus moradores dentro da metrópole? A partir de agora, partimos para a análise do contexto do crítico produzindo periferias altamente complexas em sua estrutura interna, dotadas de grandes equipamentos de consumo e também de equipamentos do setor público, onde as mais variadas "faixas de renda" convivem lado a lado, o tempo todo. Contudo, continuam sem seus empregos necessários para toda a população e ainda apresentam debilidades em relação às redes materiais de deslocamento: vias terrestres, sistemas de transporte público etc. São redes que se compõem e se fazem a todo instante, apesar das barreiras e limites impostos pelo físico. O próximo capítulo tratará exatamente disso: os **territórios de circulação** compondo outras territorialidades, articulando escalas e vislumbrando alguns possíveis dentro da trama de relações sócio-espaciais da metrópole.

CAPÍTULO 3

OS TERRITÓRIOS

"Olha, o trabalho do taxista é um trabalho cruel. É um trabalho que você trabalha, você vive com vários segmentos da nossa sociedade. Você corre um risco muito grande. Foi uma profissão que eu escolhi, então tenho que sobreviver dela, mesmo correndo risco de vida, porque hoje em dia ninguém sabe quem é quem. Mas, pra você ganhar dinheiro mesmo, se sentir à vontade, de maneira alguma. O arroz e o feijão do dia-a-dia sai, né, principalmente num bairro como esse aqui, que é um bairro de uma população carente, onde o poder aquisitivo é bem menor, né, então se torna difícil. Mas não adianta a gente ficar rodando por aí, porque o preço do combustível é muito alto, quer dizer, se torna pior. E aqui não, pelo menos o feijão do dia-a-dia a gente consegue manter, não é? [...] Aqui aparece corrida pra todos os lados que a gente pode imaginar. Isso aqui vai pro Centro, vai pra Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste, vai pra tudo quanto é lugar. É aquilo que eu falei, é imprevisível. A praça é imprevisível, você tá aqui, daqui a pouco você vai até pro interior. [...] Assim, já, já fomos pra Limeira, Campinas, vai pra tudo quanto é lugar. Aqui tem corridas que a gente fica até meio..., mas né, a gente tem que encarar."

Luiz, taxista da "Praça do 65", Cidade Tiradentes, São Paulo - SP

3.1. Territórios?

Neste trabalho, propomos um entendimento do território enquanto composto por práticas espaciais diversas: aqui, as territorialidades são vistas por intermédio dos deslocamentos intra-urbanos, e são entrecruzadas nas trajetórias dos indivíduos atravessadas por suas práticas espaciais dentro da trama social da metrópole como um todo. De acordo com Roncayolo,

> "A cidade é um território particular ou uma combinação de territórios. [...] Ela organiza um território ou, simplesmente, um sistema de relações cujas características e limites, construção política ou administrativa, área de mercado e zona de ação restam por determinar".[128]

Os sistemas de relação entre os habitantes das cidades marcam de forma precisa essas territorialidades. Neste ponto, pretendemos compreender como as escalas de ação se tornam territorialidades dentro da articulação e intersecção de escalas. Agora é importante termos, de alguma forma, elementos que nos permitam compreender como os moradores de Cidade Tiradentes percebem e vivem a **metrópole**. Na escala intra-urbana, os graus de interação desses moradores com outras escalas e territórios articulam um entendimento possível do urbano. Além disso, resta buscarmos uma relação entre os **deslocamentos** e as **territorializações**.[129]

A cidade é entendida, neste ínterim, enquanto um território que supõe o surgimento de várias outras territorialidades. Segundo o que propusemos no capítulo anterior, as territorialidades que se colocam no espaço intra-urbano são decorrentes, também, das formas várias de luta existentes no corpo urbano. Essas formas de luta várias estão entrecruzadas nos territórios das vidas quotidianas e temporalidades da metrópole. Trata-se de um momento

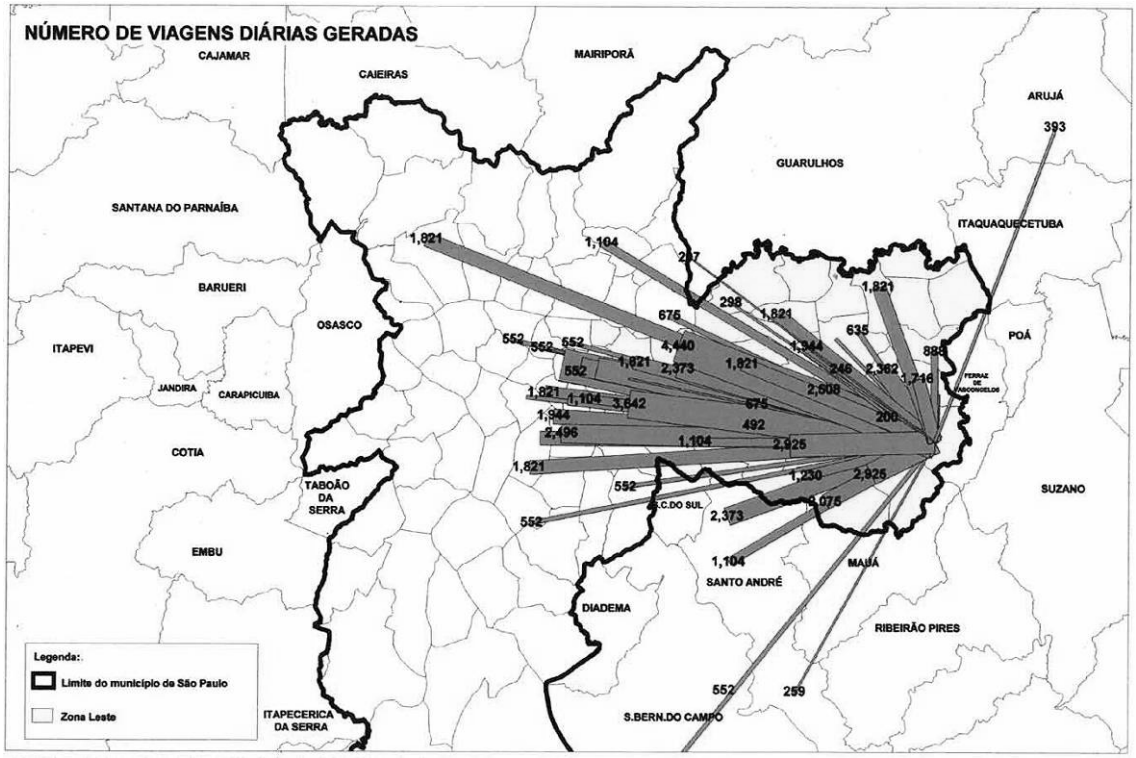
---

[128] RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires,** p. 19.

[129] "A cidade é território e dispõe de um território, seja pelo jogo das instituições ou, de maneira mais informal, de suas próprias atividades. Essa vocação de dominar os fluxos externos vai da área rural imediata à organização de uma rede comercial internacional."Ibid., p. 207.

imbricado com contexto do crítico, onde as territorialidades ajudam a compreender esse movimento.

A propósito dos deslocamentos dentro da metrópole, as linhas vão se entrelaçando e compondo as redes e este é o ponto nevrálgico da metrópole especializada, produzida enquanto uma expressão da divisão territorial do trabalho. A especialização da metrópole, posta nos inúmeros planos e formas de controle dos processos de urbanização, conforme vimos nos capítulos anteriores, se manifesta no plano do crítico e se inscreve na noção de "crise urbana". Neste ínterim, a implosão da metrópole se baliza no tocante à natureza e às barreiras a esses deslocamentos diários. Vejamos o mapa abaixo, por exemplo.



Mapa 8: Número de viagens diárias geradas em 1997. Fonte: Metrô, apud PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes: plano de ação habitacional...**, p. 14.

O distrito de Cidade Tiradentes, ponto de partida dessas linhas que simbolizam a quantidade de viagens diárias geradas, imprime sua marca em toda a cidade por intermédio desses deslocamentos; dessa forma, o quantitativo se reúne ao qualitativo, conforme percebemos nos capítulos anteriores, quando

as práticas espaciais de seus moradores compõem suas territorialidades. Nos tempos da Fazenda Santa Etelvina, por exemplo, seu território já estava plenamente inserido no contexto da divisão territorial do trabalho intra-urbano, embora esse urbano ainda não tivesse chegado àquela localidade. No entanto, o urbano chegou e chegou imprimindo a marca da necessidade de fluxos diários e contínuos, marcando sobremaneira a vida das pessoas que já estavam em Santa Etelvina (vide o caso da família de Glória, que por duas vezes teve o terreno diminuído por conta da necessidade de facilitação dos fluxos) e dos que vieram após a implantação dos conjuntos habitacionais. Esses deslocamentos, espaço-temporais, marcam as trajetórias desses sujeitos e compõem a trama do tecido sócio-espacial da metrópole.

Essas são redes que se formam e se ramificam pela cidade de São Paulo, corporificando vários processos e apoiados em vários pressupostos diferentes, decorrentes das condições econômicas, sociais e políticas estabelecidas. A totalidade desses processos, o que denota grande complexidade no tocante à sua análise enquanto total, pode ser vista no prisma das relações sociais que vão se construindo enquanto relações espaciais.[130] As paisagens urbanas vão delineando o processo de transmutação de uma cidade em metrópole, no curso de um século, por intermédio de entrecruzamento de escalas de ação variadas. São territórios que se formam e vão pontuando e tecendo a possibilidade de compreendermos o teor do crítico no seio do urbano na metrópole como um todo e na Cidade Tiradentes. E tais territórios, campos de práticas espaciais diversas, compõem linhas de intensidade diversas, as quais colocamos em sua intersecção: a **linha vertical** das cronologias, a **linha horizontal** das

---

[130] "Disputas pelo e no espaço: esses mesmos territórios que receberam as primeiras gerações em sua epopéia de progresso na 'cidade grande' são pontilhados por ocupações que se sucedem em ritmos e intensidades diferentes, daí resultando um verdadeiro mosaico de situações, histórias e trajetórias que se corporificam em uma paisagem em que mal se distinguem as fronteiras entre bairros consolidados, áreas de ocupação ou, ainda, o favelamento que vai se espalhando por todos os lados. São histórias, portanto, que se entrelaçam nas vizinhanças e contigüidades de seus espaços." TELLES, Vera da Silva. **Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade.** In: TELLES e CABANES (org.) **Nas tramas da cidade...,** p. 78.

espacialidades e a **linha perpendicular**, posta pelo Estado.[131] Dentro da perspectiva que busca encontrar as territorialidades dessas linhas de intensidade das mobilidades urbanas, colocamos que tais linhas configuram níveis de práticas sócio-espaciais dentro da trama do quotidiano. Trata-se, portanto, de **escalas de ação**. Tais escalas de ação se entrecruzam aos territórios, são compostos por eles e estão entremeados pelo quotidiano, que abarca o vivido.

As periferias urbanas, muito mais do que pressuporem **apenas** o exílio, pressupõem também o seu outro: a possibilidade de um **novo agir**, de um **novo pensar** dentro do contexto desse crítico. Sem apelar a falsos otimismos e tentando fugir da perigosa ingenuidade romântica em relação ao grau de consciência de quem vive a situação do crítico de forma mais dramática, é preciso colocar o outro lado da moeda. O vivido, o corpo, o que dá consistência à forma vazia e à situação é o mais importante na análise que fazemos e no que propomos em relação a um caminho de interpretação da urbanização crítica e seus territórios.

Quanto à necessidade de se colocar os termos da complexidade da urbanização crítica por meio da análise dos deslocamentos e configuração de territórios, é preciso entender a convivência entre as mais diversas situações que,

---

[131] "Poderíamos [...] dizer que as mobilidades urbanas são demarcadas e compassadas por eventos atravessados por **três linhas de intensidade.** A **linha vertical das cronologias**, em que os tempos biográficos se sucedem em compasso com o tempo social-histórico [...], **a linha horizontal das espacialidades**, em que os tempos se efetuam: as práticas urbanas deixam suas marcas no espaço e estas se objetivam, ganham forma e constroem referências que permitem entrecruzamentos com outras histórias, outros percursos, outros eventos que pontilham a história urbana [...]. Atravessando tudo isso em uma **linha perpendicular**, os eventos políticos que ganham forma e também operam como referências práticas que compõem os territórios urbanos: a cronologia dos investimentos públicos, os descaminhos da moradia popular, os conflitos sociais e suas derivações, práticas de tutelagem e clientelismo que vêm de muito tempo e persistem entrelaçadas com as mediações democráticas de representação política, formas de ação coletiva e de solidariedade, que se alimentam de fontes diversas e também vêm de tempos diferentes, aberturas e retrocessos políticos que se sucedem aos calendários eleitorais." Ibid., pp. 70 e 71.

> "[...] tal como um prisma, a cidade vai se perfilando nos seus focos de tensão, nos seus campos problemáticos. A questão vai surgindo no entremeio, no momento em que o caleidoscópio gira e faz ver toda a complicação do mundo urbano. [...] Toda a complicação que vem junto com a reestruturação produtiva em tempos de globalização e devastação neoliberal pode ser apreendida aí. Mas é nisso também que a noção de território pode se mostrar operante. Se é preciso a crítica, é no jogo das comparações que ela vai sendo tecida, ou melhor: **é nesse jogo de simultaneidades que os parâmetros da crítica podem ser construídos,** evitando, na falta de outro ancoramento, o risco tão presente nos dias atuais de fazer dos 'tempos fordistas' um modelo normativo a partir do qual tudo o que vem depois só pode aparecer no registro do vazio"[132].

O **simultâneo** é o que coloca as regras de um jogo cujas regras não aparecem de forma definida ou muito clara. O jogo é a vida, são as binaridades que determinam as escolhas possíveis e silencia as impossíveis para imensa parcela da população dentro da metrópole, perfaz todo o tecido sobre o qual se assentam as relações e práticas espaciais dentro do corpo metropolitano. Conforme veremos a seguir, os depoimentos demonstram a potência das redes e territorialidades implicadas ao quotidiano de Cidade Tiradentes, que a coloca, por intermédio do contexto do crítico, sobre as tramas espaciais da metrópole em sua totalidade.

3.2. Os territórios nos tempos da Fazenda Santa Etelvina

Santa Etelvina se transmuta em Cidade Tiradentes apoiada, constantemente, em redes que se entrecruzam e redefinem os fluxos e as territorialidades intra-urbanas. Nos depoimentos que estão colocados a seguir, tratamos de territorialidades que se construíram no período de Santa Etelvina. Parte de seus moradores já eram migrantes provenientes do interior do estado ou de outros estados, devido ao grande afluxo presente nas chácaras e na própria dinâmica da fazenda. As chácaras da região, conforme demonstramos

---

[132] Ibid., pp. 74.

no capítulo anterior, eram definidas por intermédio do fluxo sazonal de seus proprietários, que a tomavam como lócus de "lazer" de fim-de-semana ou período de férias. No restante do ano, ficavam sob exclusivos cuidados dos caseiros que ali habitavam. Quando observamos a realidade atual de Cidade Tiradentes e recorremos a seus tempos de Santa Etelvina, entendemos como foi se materializando a inserção dessa região no corpo urbanizado da metrópole. Glória nos conta como se dava a sua relação com o centro da cidade.

> "Eu nem ia muito [pro centro], quem ia mais era meu pai. Depois, pra gente trabalhar, a gente ia trabalhar de doméstica. Ia no barro. Pegava um calçado velho, calçava o barro, quando ia chegar no asfalto lá do centro de Guaianases, o centro para nós era o centro de Guaianases, escondia o sapato velho no mato e ia embora prá trabalhar, né? [...] E aqui você pegava o trem pra ir pro centro, que era mais fácil. [...] Só tinha o trem. [...] Ai, ia até Guaianases, de Guaianases pegava o trem pra ir até pro centro de São Paulo. Ia pra Luz e pra Mogi, só tinha isso. Depois, é que pôs, eu nem lembro quando pôs o ônibus aqui, que foi Itaquera que pôs. Pegava Itaquera, Itaquera passava por aqui, e depois voltava pra Itaquera de novo. [...]. Aí, eu já podia pegar o ônibus. Depois veio o 'Santa Rita', [que] fazia Santo André – Guaianases. [Glória]

A ida ao centro de São Paulo já indicava uma contingência, ainda duramente presente nos moradores da atual Cidade Tiradentes: o mundo do trabalho, este como uma contingência. O centro sempre representou, além da distância física, uma distância no sentido de uma apreensão dos conteúdos do urbano que esse centro poderia oferecer. Desde muito tempo, apesar das redes de fluxos que há muito se estabeleceram na região leste da cidade, as dificuldades de locomoção eram inúmeras: para se trabalhar no centro, era preciso caminhar alguns quilômetros de Santa Etelvina até a estação de Guaianases, em estradas não pavimentadas, que se tornavam barrentas nos períodos de chuva. A necessidade de trocar o sapato sinaliza a presença do crítico em uma realidade pré-urbana, onde esse urbano ainda não se realizara plenamente nessa região. O sistema de transporte, já deficitário nos tempos de Santa Etelvina, foi se transmutando na medida em que os conjuntos

habitacionais foram se implantando e mais gente foi chegando no local, transformando-o em urbano.

A presença das chácaras era o que marcava as paisagens nesse momento. Entretanto, não havia apenas chácaras pertencentes a indivíduos, havia também terras pertencentes a instituições. Trata-se da Santa Casa de Misericórdia que, como já fora assinalado anteriormente, detinha alguns terrenos na região e permitiu, de certa forma, a reprodução dos territórios da família de Áurea. A própria história de Áurea anterior à sua chegada na região de Santa Etelvina, por volta de 1969, coloca as redes que foram se estabelecendo no contato com a metrópole. Vinda com toda sua família do estado do Paraná e passando em Brasília, chega a São Paulo e, dentro da metrópole, vai construindo sua trajetória no paralelo à construção de seus territórios.

> "38 anos que eu cheguei pra cá, eu vim de Brasília... eu saí do Paraná, fui pra Brasília, fiquei em Brasília nove meses, aí eu vim pra cá. Quando eu mudei pra cá, eu vim pra cidade, fui pra Vila Ema[133]. Aí, ficando na Vila Ema, fiquei seis meses, aí, meu marido, assim, meu marido sempre foi do serviço braçal, não tinha estudo, ele sempre queria uma chácara pra tomar conta, aí ele saiu procurando e nós achamos [uma chácara] onde criava porco. [...] Lá no 'Setor B', não tem eucalipto? Abaixo daquele eucalipto ali era uma chácara. Aí, nós moramos lá três anos e uns meses, aí nós mudamos ali perto da paulistinha, e da paulistinha viemos pra cá, porque ele era funcionário da Santa Casa de Misericórdia, e eles construíram isso daqui. [...] Ele trabalhava na área de mato. Pra quem vai aqui pro Iguatemi, você olhando, tem uma área de mato, depois tem eucalipto. Aquela área de mato tudo que você enxerga, é da Santa Casa. [...] Ela pega ali e vai até perto do... antes da divisa do setor dos prédios lá embaixo, tem uma via que entra... Ela faz divisa ali. E vai pelo mato afora. [...] [Meu marido] trabalhava como funcionário [da Santa Casa de Misericórdia, por] 22 anos. [...] Ele era guarda florestal."

Os terrenos da Santa Casa vão se colocando como importantes no desenrolar das trajetórias da família de Áurea dentro da cidade. O trabalho

---

[133] Bairro da Zona Leste de São Paulo, próxima à Vila Prudente e ao Parque São Lucas.

como caseiro, um desejo do marido de Áurea segundo seu depoimento, marca a passagem do urbano da Vila Ema para a chácara da região de Santa Etelvina. E a Santa Casa, com suas territorialidades específicas, foi adentrando a região e, num certo momento, começou a fazer parte do quotidiano dessa família. E assim, puxando os fios que tecem a teia dessa história, é possível compreender os significados dessas territorialidades na impressão de várias marcas na vida da pessoas. E, na escala da metrópole, podemos estender essas trajetórias como importantes impressões no espaço de momentos vividos por uma coletividade que, o tempo todo, se desloca e define por intermédio de seus constantes fluxos o texto sócio-espacial que vai se delineando perante nossa observação.

> "Meu marido estava procurando uma chácara pra gente mudar, aí tinha um conhecido nosso lá, 'eu conheço um senhor que tem uma chácara pro lado de Guaianases', aí indo lá, o meu marido, o senhor, era o senhor Rena que era dono da chácara pra lá, falou, 'olha, eu tenho uma chácara, estou precisando de um caseiro, porque o caseiro daqui não faz nada...' Aí o meu marido veio e pegou o serviço. Então, a gente já morava aí na chácara nesse tempo, minhas crianças estudavam lá no Jardim São Paulo e a gente morava na chácara... veio um funcionário da Santa Casa procurar meu marido, aí o meu marido falou assim, 'olha, eu posso tomar conta da área, desde que eu fique com os dois serviços, desde que eu fique tomando conta da chácara e olhando a área'. Aí, eles aceitaram, porque quem morava na chácara não era registrado, era como um caseiro, era sem registro. E aí, a Santa Casa já pegou ele e registrou, então desde essa época ele era um funcionário da Santa Casa, registrado, tudo, como ele cumpria com o dever dele, tudo, o primeiro chefe dele quitou ele na Santa Casa, que não poderia ser mandado embora de espécie alguma... Aí, ele continuou com o serviço, só parou quando ele ficou doente, ficou inválido, sem poder fazer nada, ficou acometido com um câncer de próstata, e aí foi quando ele aposentou, né. Ele ficou na Caixa [...] seis meses, aí a perícia falou, 'não, você vai pra aposentadoria direto, o senhor não tem mais condições de trabalhar'. Aí, nesse período de tempo, ele passou um tempo muito bom, sabe, se fosse preciso dele percorrer a área, dava... aí, ele foi piorando, piorando, aí não teve jeito. A minha mudança daqui, da chácara pra cá, foi que ele já era funcionário da

> Santa Casa, né, a gente não tinha pra onde morar, pra pagar aluguel, Santa Casa queria construir lá [na Estrada do Iguatemi], na beira da pista, aí ele não quis, ele optou por aqui, é num lugar mais sossegado, e a minha estadia aqui e ele ser funcionário da Santa Casa foi assim a história."

Nessa história, marcada por uma vida de trabalho atravessada por uma doença que o impossibilitou de continuar trabalhando, é onde foram se delineando as possibilidades de apropriação do espaço pela família de Áurea. Além disso, outra impossibilidade se colocou na trajetória dessa família: morar em um lugar onde o urbano ainda não era uma presença impossibilitava a continuidade dos estudos para os filhos de Áurea.

> "Eu não gostava [daqui], que era muito... Não gostava por mim, porque eu gosto de área de mato, gosto de verde, gosto de pescar... verde e represa pra mim, estou... Era por causa das crianças, a distância que tinha pra estudar. Mas eles estudaram, depois continuaram os estudos por conta deles mesmo, né, porque por mim eles tinha se formado todos, os dois, o casal. Mas, não puderam mais, a Cláudia ainda fez um supletivo, mas não terminou também. O outro não quis saber de nada. [...] [Meu filho] mora em Ferraz de Vasconcelos. O outro filho, ele [...] é dono de microônibus, de lotação, tem dois ônibus, né, os filhos trabalham junto. Os filhos que trabalham, ele não trabalha mais, ele trabalhou muitos anos, ele foi um dos coordenadores da linha de Guaianases. Ele não trabalha mais, ele tem uma Sprinter, faz carretos pra fora, né, e os filhos que trabalham."

Mais uma vez, os fluxos vão definindo os territórios da família de Áurea. Seu filho, que trabalha com lotação e carreto, coloca a mobilidade enquanto um necessário dentro do contexto da metrópole. Assim, essa trajetória, marcada por fluxos constantes é a expressão de que o rural e o urbano, para além do que seria uma dualidade, se apresenta como uma unidade nesse momento. A presença-ausência do urbano dos tempos de Santa Etelvina foi definindo os fluxos, os deslocamentos e as trajetórias de Áurea e de muitas outras pessoas. Proprietários ou não das terras que tinham o uso em fazendas e chácaras, essas pessoas, de certa forma, esquentaram o terreno para que alguns anos mais tarde

as políticas de desenvolvimento urbano determinassem que a região leste da cidade de São Paulo fosse o grande pólo habitacional e empresarial dessa região. Contudo, como já vimos nos capítulos anteriores, os tempos políticos da metrópole (além da escala nacional e mundial) e as vicissitudes da economia puseram abaixo esse plano, mas não a construção dos conjuntos habitacionais nessa área de chácaras, o que veio paralelo às invasões e posteriores parcelamentos dessas terras "devolutas". Tratamos agora de um urbano que chegou, finalmente, mas chegou na condição de periferia, com todo o peso conceitual e quotidiano desse termo: Santa Etelvina se transformara em "Conjunto Habitacional Santa Etelvina", e marcava o nascimento da Cidade Tiradentes[134].

3.3. Os territórios nos tempos de Cidade Tiradentes.

A história dos moradores que viveram o período imediatamente posterior à implantação dos conjuntos fora tratada, em parte, no capítulo 2, quando as suas lutas no campo do quotidiano revelavam a sua necessidade dentro do contexto de um crítico que fora herdado dos descaminhos da política habitacional promovida pelo Estado. Os depoimentos desses moradores compõem também as territorialidades – como no caso de Glória, cuja família se mudava de cidade em cidade e chácara em chácara e compunha sua vida dessa forma, e Áurea, cuja família comporta as trajetórias de migração interestadual e das passagens por chácaras e o terreno da Santa Casa – no período posterior à implantação dos conjuntos. O urbano na nascente Cidade Tiradentes comporta várias territorialidades, a exemplo de seu período anterior de Santa Etelvina. Grande parte da metrópole paulistana, devido ao seu desempenho econômico de caráter concentrador em relação a outras regiões do país, concentrou

[134] Podemos nos remeter à fala de Cláudia, filha de Áurea, que num certo momento de nossa conversa, na presença de Dalva, disse algo muito interessante que, infelizmente, não se encontra gravado: "Num belo dia, dormi e acordei e, quando acordei, vi tratores e caminhões passando, e vindo com um monte de madeira e terra... Pensei, 'o que é isso'? Era a Cidade Tiradentes nascendo! (risos)"

também, por um bom período, grande parte dos fluxos migratórios do país. Em outras palavras, constituiu-se uma cidade de migrantes, que trazem em sua história as marcas da migração e todas as conseqüências práticas disso: desenraizamento de sua terra natal, estranhamento em relação a uma terra desconhecida etc., enfim, um dilaceramento que marca profundamente a vida de milhares de paulistanos habitantes dessa metrópole que, de certa forma, foi construída por eles.

Em relação à constituição de Cidade Tiradentes, esse movimento não poderia ocorrer de forma diferente. As lutas pelo lugar, analisadas no capítulo anterior, vieram acompanhadas por esse dilaceramento. Os depoimentos a seguir demonstram as marcas de um gigante processo de segregação sócio-espacial na escala intra-urbana paulistana. Os tempos do início da Cidade Tiradentes, profundamente marcados pelas monumentais ausências do Estado, atravessaram a vida dos "pioneiros" que "desbravaram" terras hostis e, ao mesmo tempo, expandiram os limites da franja urbana metropolitana.

3.3.1. Cidade Tiradentes nos seus primórdios e na atualidade, no contexto das territorialidades de Dalva e Roberto.

As trajetórias que levaram o casal e sua família até à Cidade Tiradentes expressam as linearidades e pontualidades atravessadas pelas imposições de um quotidiano pautado num processo de urbanização e metropolização que se faz de modo segregado. A construção da metrópole paulistana, decorrente dos impulsos econômicos da indústria e do gigantesco afluxo de mão-de-obra farta de várias regiões do país destinou grandes massas populacionais à única possibilidade de moradia que lhes cabia: as periferias. Articulação entre o privado e o público, elas foram se manifestando e colocando o planejamento urbano como necessário. Este movimento, fartamente descrito no capítulo anterior, serve como baliza para compreendermos o caso de Dalva e Roberto no meio desse turbilhão que a metrópole lhes reservou. A administração pública, visando o "equacionamento do déficit habitacional", promoveu a construção de

grandes conjuntos habitacionais. Na perspectiva de seus futuros moradores, esse movimento aparece como a possibilidade de construir seu apoio na posse da casa. A casa própria é a segurança de muitos e, portanto, uma mercadoria, um bem raro; tal raridade coloca nesse movimento a existência de cadastros e filas de centenas de milhares de pessoas. Certas determinações invadem esse corpo e constroem trajetórias passando por campos de exclusão e confinamento. O plano do crítico, onde a moradia não é possível para todos, marca esses deslocamentos. Vejamos o processo de "escolha" de Santa Etelvina conforme depoimento de Roberto, nos idos de 1984.

> "Nós nem sabíamos da existência de Santa Etelvina. Aí, nós chegamos lá, [...], daquele jeito que o governo fazia, com todo mundo naquela época, 'vocês só têm duas opções', aquelas filas enormes, você ficava cinco horas numa fila, optar todo mundo querer sua casa, '**Itaquera** ou Sapopemba', depois a terceira vez ele falou 'é o quê?'. A esposa não tá, o [meu] pai não tá, ah... [...]. Quando chegou a carta, então, 'oh, beleza, a carta chegou', olhei lá, 'comparecer tal, tal dia e tal, pegar o ônibus tal', e falei 'Caramba! Fazenda Santa Etelvina, mas o que será isso daqui? Nunca ouvi falar!' Beleza! Eu peguei o ônibus, peguei o metrô... [...] Descemos no Tatuapé, o ônibus da CMTC, que eles punham gratuito, lotava de gente... [...] Pá, andou, andou... Essa estradinha [do Iguatemi], não era nada disso, era só assim estreitinha, barro ainda, chegamos aqui. Chegamos aqui 'que lugar é esse?' Eu nem sabia que existia esse lugar, isso é só pra ter uma idéia de como eles agiam. Pra você ter uma idéia. Aí, 'não, vem cá, vem cá', tinha um cercado aí, logo na entrada... [...] Era um cercado... Mostraram os apartamentos decorados. Era um apartamento aqui grande, eu me entusiasmei. Podia ser o que você optasse, você podia escolher o que queria. Ou casinha pequena, ou terreno, ou apartamento, ou casa grande. Entusiasmou. [...] Aí, eu fui, conversei com [a Dalva], 'ó, nós temos dois filhos', conversei com meu pai, voltei novamente aqui com meu pai. Aí, ele falou, 'melhor você pegar casa porque seus filhos vão crescer...', pra você ver como vale a experiência. Aí, nós pegamos a casa."

A impossibilidade do urbano, expressa na impossibilidade de moradia para todos, praticamente obrigou Roberto a escolher "Itaquera" como seu local futuro de moradia. A família começava a constituir outras territorialidades, era

preciso haver espaço para o momento em que os filhos crescessem, ou que nascessem novos filhos; a possibilidade de estender o espaço da casa de modo a construir mais um quarto, ampliar a sala, construir mais um banheiro etc., coloca a necessidade dessa extensão futura como possibilidade. Conforme a idéia do pai de Roberto, de que a casa era possível para uma família que estava por crescer, revela exatamente um quotidiano onde a moradia é uma impossibilidade. A "escolha" da região, então conhecida como Fazenda Santa Etelvina, pareceu ter sido a única escolha possível nesse momento.

> "Pegamos a casa, voltamos lá, o pessoal falou, 'não, não tem condição, com tudo aquilo lá, como vai ocupar? Não tem transporte, não tem nada...', [...] Levamos, eles faziam reunião assim, chamavam vinte ou trinta pessoas, tinham uma maquete... [...] Eu faço questão de comentar, o Mário Covas na sua administração como prefeito biônico de São Paulo, uma maquete linda... Tinha árvores, 'sistema de microônibus que vão pegar vocês, vão levar até o sistema de transporte', 'que maravilha!'. Naquela época, nos idos de 80, a gente só ouvia falar do que era só 'apê', 'o meu apê, num condomínio fechado'. **'Lá, vai ser um condomínio fechado'**. (risos) E todo mundo, 'caramba!', a questão de segurança estava suscitando na época, **você chegava aqui, tinha uma porteira de madeira, o cara abria, você entrava, era um condomínio fechado mesmo.** [...] Aí, você imaginou o quê, 'pô, ué, guarda de segurança, eu chego pra você e minha família anda aqui, tudo cheio de guarda aqui, segurança'... Beleza! **Fizemos o contrato, no dia em que pegou a chave, aquela festa toda que pobre faz, sem saber o que estava esperando por ele.**" [Roberto, grifo nosso]

A ideologia do urbano, dentro de um contexto onde as questões de segurança pública já começavam a se transformar numa chaga da metrópole paulistana, comporta que a possível presença do "condomínio fechado" se colocava como uma **enganação**. Este enganar, muito mais do que o campo da ética e da moral por conta de certos representantes dos poderes públicos, é totalmente funcional à reprodução de uma ordem que destina à população mais pobre o exílio das periferias. Afinal, era um grande empreendimento que, mesmo com todo o planejamento técnico fartamente documentado nos Planos

Diretores metropolitanos da década de 1970 e também executado pela COHAB – SP, não deixava de se tornar um gigante drama para todos que foram viver a Cidade Tiradentes da década de 80. Era a periferia da periferia mais distante, e seu crítico, produzido pelo Estado em articulação com a iniciativa privada, destinou o que Roberto coloca como o "fim de festa" para quem festejava a aquisição, finalmente, da casa própria.

> "Quando nós chegamos, viemos com a mudança pra cá, tinha realmente a porteira, era fechado aqui... [...] Era só você se identificar, pra onde que você ia, pra não ter risco. [...] Quando chegamos, cadê os transportes, não tinha. Tinha uma linha de ônibus que fazia 'Glicério – Jardim Iguatemi', e o que ele fez: puxou o ponto de Iguatemi aqui pra Cidade Tiradentes. Encheu isso aqui de gente! Pra você ver, a primeira vez que eu saí [...] e voltei pra aqui, demorei meio dia pra achar minha casa. As casas eram todas iguais, e os muros assim... sem muro, sem nada, todas iguais! As ruas sem placa, sem luz, sem nada." [Roberto]

As casas todas iguais é a marca da produção fordista mencionada anteriormente por Ubirajara e coloca a necessidade de produção para a massa enquanto massa, sem distinção alguma dentre os indivíduos que habitariam nessas casas. A ideologia das massas se materializa também em relação ao ônibus, meio de transporte possível que reitera a função de Cidade Tiradentes dentro do contexto dos fluxos da metrópole; essa reiteração do ônibus que monopoliza as formas possíveis de circulação conduz à negação desses fluxos. A imobilidade dos moradores de Cidade Tiradentes, marca que já vem de tempos, continua na face urbanizada da antiga região de Santa Etelvina, que não se descolou de sua antiga centralidade, na região de Iguatemi e São Mateus.

> "Pra você sair daqui, pegar um ônibus, aqui embaixo às 3:20 da manhã ele já vinha lotado. Você já ia pendurado, você imagina o... [...] Aqui, desse ponto aqui, ele saía de lá, ele percorria um, dois, três pontos até minha casa. Imagine daqui pra frente, até chegar no Iguatemi, onde tinha mais transporte. Isso quando ia até o Glicério, a viagem demorava, se hoje demora... [...] Descia a Mateo Bei, ia pra Vila Formosa... [...] Conselheiro Carrão..." [Roberto]

Ao completar a fala do marido sobre a qualidade do único ônibus que servia o nascente conjunto habitacional, Dalva coloca o sentimento de quem era obrigado a viver nesse contexto, ao dizer, enfaticamente: "era pra matar mesmo!". Essa morte, não produzida no físico, se produz na alma, na dignidade, na vida quotidiana de milhares de pessoas que ousaram em "realizar o sonho da casa própria". Casa própria, para os mais pobres, só é possível nessas condições dentro de uma economia que se reproduz no crítico do urbano e, dentro desse crítico, exclui a maioria da possibilidade do urbano. Quem "escolheu" a Fazenda Santa Etelvina como seu local de moradia, conheceu a pior das piores imposições desse urbano que não se concretizou. Essa morte simboliza, também, a morte da possibilidade de pensar outros possíveis, de aprisionamento em um quotidiano que nega qualquer resquício de reivindicação da realização humana.

> "Então, foi assim, foi na base do engano, não tinha nada... [...] Não tinha um posto médico, não tinha supermercado, não tinha nada. Tudo que saía, tinha que voltar com as coisas nas costas. [...] Compra, colchão, tudo vinha." [Roberto]
>
> "Aí, dentro do ônibus vinha saco de arroz, colchão... [...] Tudo dentro do ônibus. Você imagina o ônibus lotado, e vinha até galinha viva! Foi assim um massacre! **Parecia um campo de concentração**." [Dalva]

Meios de transporte e a Cidade Tiradentes: são dois termos, duas realidades tensas, que nunca conseguiram superar essa tensão. Os termos desse paradoxo se fazem num contexto onde um chamado "bairro-dormitório", no qual seus moradores se deslocam para o trabalho e retornam aos seus locais de moradia somente para "dormir", sequer se realiza enquanto tal. A imobilidade e a precariedade (diga-se ausência) de equipamentos de consumo e serviços básicos condenaram uma enorme parcela da população ao exílio nos tempos do nascimento dos primeiros conjuntos habitacionais. Em suma, a mesma infra-estrutura geral que existia nos tempos das fazendas e chácaras permaneceu muito tempo para quem precisava de uma estrutura muito maior do que

estradas de terra, ruas sem nome e um único ônibus que passava de uma em uma hora.

De outro lado, temos outro testemunho importante do início do processo de implantação do conjunto, de acordo com o depoimento do ex-Diretor Técnico da COHAB-SP, Ubirajara Garcia.

> Perg.: Quando as pessoas se inscreveram pra fazer cadastro na COHAB, e escolheram os locais de moradia, você sabe se elas sabiam da Santa Etelvina ou não sabiam?
>
> Resp.: Sim, sim. O que acontecia, a COHAB, ela não tinha um cadastro, o cadastro era geral.
>
> Perg.: Mas havia uma opção de escolha, ou Itaquera, ou Sapopemba...
>
> Resp.: Ou Carapicuíba, então, mas veja bem, como era obedecido rigidamente uma ordem seqüencial de inscrição, certo, o que acontecia, 'olha, nós temos que mandar a carta pra todo mundo que...', você tinha 5.000 unidades pra ser oferecida em Santa Etelvina. 'Temos esse empreendimento', aí o pessoal ia visitar. Teve épocas que até colocamos ônibus à disposição, levava, **'quer, quer, não quer...'**. Então, existia a opção e muitos preferiram, né, a região leste, sempre a demanda foi muito grande. [...] Sempre, foram entregues as unidades habitacionais, elas completas. Elas sempre foram entregues completas, ou seja, com água, esgoto, energia, tudo, tudo, pavimentação. **Completas o local, o entorno é que estava em situação grave, e isso prejudicou a qualidade de vida do povo que foi transferido pra lá.** [...] Naquela época [...] se era uma decisão política implantar Santa Etelvina, também era uma decisão política colocar 'x' linhas de ônibus saindo de Santa Etelvina e indo até o Centro. [...] Então, mas isso por que, porque naquela época nós tínhamos a CMTC, que só ela cuidava de transporte dentro do município, então era uma decisão política de atender aquele povo. Hoje é uma decisão de mercado, que é interessante também, mas isso às vezes, essa acomodação leva algum tempo, com prejuízo da equipe... [...] O que aconteceu, é que os recursos minguaram, na realidade, os recursos minguaram."

O campo de concentração mencionado por Dalva demonstra claramente o sentimento que se tinha em viver um lugar que, apesar de ter uma mínima

infra-estrutura interna (afinal, tratamos de um conjunto habitacional promovido e financiado pelo Estado...), tinha o seu entorno como o maior problema. Mas era um problema justificado pela ausência de recursos que atrasaram a implantação total do conjunto, paralelo ao "sucesso" de Itaquera I, II e III; além disso, as "decisões políticas" não colocaram a implantação de mais linhas de ônibus que ligassem, de fato, a Cidade Tiradentes ao centro da cidade. Mas, no fundo de toda essa complexa história, entremeada por uma cadeia de fluxos, territorialidades e formas de luta, o que estava em jogo era a realização da economia urbana, por intermédio da valorização do espaço enquanto possibilidade. Ou seja, retomando o que fora aventado no capítulo anterior, a Cidade Tiradentes, um complexo de conjuntos habitacionais de grande porte, serviria para desenvolver, por meio da presença e circulação de seus milhares de moradores, a região de São Mateus e Iguatemi. **Torna-se evidente a estratégia, agora no campo estatal, de usar os pobres para "esquentarem" o lugar com vistas a processos futuros de urbanização.**

> "Então, foi esse o tipo de ocupação que fizeram. Quando eu falo que é **sempre correndo atrás**, nós fomos enganados, porque era 'Fazenda Santa Etelvina, Itaquera não existe mais, vocês querem ir pra lá, ou não?' Nós não tivemos opção, fomos jogados aqui." [Roberto]
>
> "Então, a gente foi usado mesmo!" [Dalva]

O "sempre correndo atrás", colocado por Roberto como outra manifestação desse crítico, nos mostra outra face perversa de toda essa epopéia: as estruturas de financiamento e os descaminhos de uma economia em crise, nas décadas de 1980 e 1990. Trata-se de uma economia que enganou muita gente, e praticamente dizimou as estruturas financeiras de milhares de famílias nesses períodos. As dezenas de planos econômicos para o controle da inflação, em escala nacional, aliada a um enxugamento dos empregos, o que é causa e conseqüência das recessões econômicas, produziu um altíssimo nível de inadimplência. Vejamos como isso se deu.

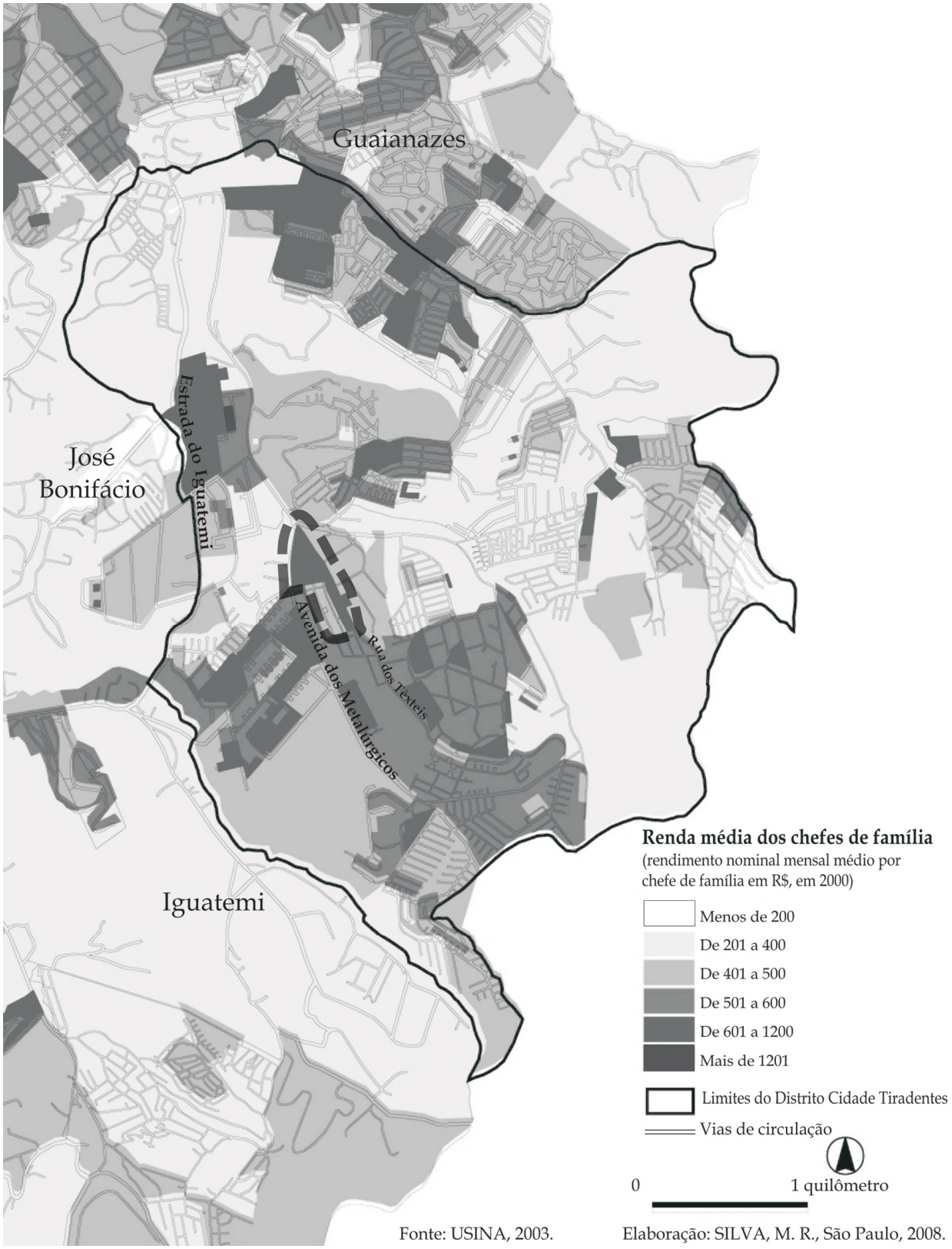
> "E depois vem mais, 'prestação de reajuste anual'. Enganou todo mundo. 'Nós temos um plano de equivalência salarial'. Então, eu entrei nessa. Fiz

> tudo, plano de equivalência salarial, o que era, eu não tinha nem noção... o que era, reajuste anual garantido em contrato. Então, se a pessoa só começava com 100, quando chegava em dezembro, ela estava com [...] 10 reais, vamos supor. Pegava um índice anual, porque naquela época tinha isso, fazia o reajuste, você ia pra 200, até chegar a 20, com o equivalente salarial não. Toda vez que aquela categoria tinha aumento, a prestação aumenta, tinha reajuste. [...] Foi quando nós fizemos uma manifestação, lá, que foi uma reunião, fomos lá, em frente à Secretaria de Habitação, lá no Martinelli, fizemos um caixão e queimamos os carnês. [...] Aí, ele deu a opção, então forçou todo mundo a fazer a equivalência salarial. [...] Aí, 'então faz, quem quiser optar pelo anual, faz anual, quem quiser semestral, faz semestral'. A equivalência salarial era de seis em seis meses. [...] E era um financiamento do sistema junto ao BNH. Então, a dívida era cumulativa. O plano era 25 anos, só que você ia pagando e o saldo devedor ia aumentando! [...] O que acontecia? Houve várias variações econômicas, vários planos nesse tempo todo, se tornou uma coisa que você ficava maluco! Então, se você pagava 200 mil cruzeiros novos por mês, no outro você pagava 100 cruzeiros, nesse sistema maluco, e essa foi a variação. E tudo isso porque eles aplicavam sempre reajuste maior, maior, maior. Então, nós fomos inadimplentes dois anos. Não só nós, como várias pessoas. [...] A única coisa em que a COHAB realmente foi benéfica, foi nisso, em dois anos que nós ficamos inadimplentes, não nos tiraram daqui. Foi isso." [Roberto]

O alto índice de inadimplência reitera a economia política atravessando as trajetórias da família, as possibilidades de sua reprodução. Os descaminhos da economia brasileira nas décadas de 80 e 90 colocam mais uma vez, de forma crítica, a construção da Cidade Tiradentes. E é nessa tempestade de acontecimentos, barreiras, impossibilidades e bloqueios diversos que as adversidades de um quotidiano fragmentado e vivido no seio dos seus fragmentos se constroem nesse lugar, chamado Cidade Tiradentes. E foi dentro de tudo isso que a família de Dalva e Roberto se constituiu e conseguiu se reproduzir, tendo a periferia como a única possibilidade. Torna-se até um lócus de construção possível de identidade.

> "Eu penso sim, em mudar daqui, mas não desfazer da minha casa, porque eu gosto daqui porque eu passei praticamente 24 anos, e foi aqui que eu consegui educar meus filhos. Se eu, assim, pelas minhas condições financeiras, [...] talvez num outro bairro não teria conseguido. Então, aqui eu consegui e muita gente, que eles moram aqui, eles conseguiram ter uma estabilidade... Agora você vê, a gente já tem classe divisória aqui. Que nem, por exemplo, esse setor aqui é considerado a classe alta de Tiradentes. [...] No programa Médico de Família a gente não foi incluído, porque aqui era considerado uma classe A de Tiradentes, esse pedaço. Porque a maioria daqui tem convênio médico, tem bom salário, né." [Dalva]

O lugar onde foi possível construir uma identidade, ter a casa própria e realizar os territórios da família se apresenta, na atualidade, muito diferente dos tempos dos desbravadores das fronteiras urbanas. Nesse momento, erige a percepção de que a Cidade Tiradentes é um lugar onde a complexidade é a regra, em todos os sentidos. Em relação aos rendimentos mensais, a percepção reside numa certa ascensão social, devido à quitação da residência, que qualifica a localidade onde Dalva reside como a "classe A" da Cidade Tiradentes. Tal complexidade de situações pode ser observada no mapa abaixo, a propósito dos rendimentos médios dos chefes de família no distrito em 2000.



Mapa 9: Cidade Tiradentes de acordo com os rendimentos familiares em 2000. O destaque tracejado demarca a região onde se localiza a residência de Dalva, onde na chamada "classe A" um chefe de família possuía seu rendimento médio mensal na faixa de R$ 601,00 a R$ 1.200,00, o que não parece suficiente para sustentar um padrão de vida muito confortável para uma família. Fonte: USINA, 2003.

Pelo mapa acima observamos os padrões de rendimentos que sustentam as famílias de Cidade Tiradentes. Percebemos que as maiores faixas de rendimento estão concentradas nos conjuntos habitacionais mais antigos, tal como o Conjunto Prestes Maia (ao norte) e no eixo da Avenida dos Metalúrgicos, onde está inserida a região onde Dalva e Roberto residem. Os locais mais antigos de moradia, devido à quitação com a COHAB, formam essa anunciada "classe média" de Cidade Tiradentes, que pôde ascender a outros padrões de consumo e mantêm uma certa identidade com o lugar.

> "Se você fica aqui seis horas da tarde o que você vê de carro... os carros que passa aqui, muita gente por aí não tem. Se você entrar nos prédios mais antigos, se você entrar dentro dos prédios, são assim, decorações assim que você... sabe? Então, porque ali o pessoal já é quitado, então não paga mais nada, conhece todo mundo, então, sai de manhã pra trabalhar, volta só de noite, não fica aqui mesmo, e outra, o dinheiro que eles iam comprar em outro lugar, tão comprando casa na praia, muita gente aqui tem casa na praia... [...] eles não querem sair [de Cidade Tiradentes] [...] porque já pegou, eu acho que aquele apego, pelo bairro, ou porque eles saem de manhã e voltam de noite. Final de semana, eles viajam. Então, eles foram se adaptando ao bairro. Muitos foram arrumando, os filhos foram arrumando emprego por aqui mesmo, foram se adaptando. E muita gente que veio falou assim, 'ah, não vou fazer nada, porque eu não quero ficar aqui, eu vou embora, não vou ficar aqui'. E essas pessoas, eles acabam ficando. Muita gente acaba ficando e a gente percebe assim, muitas pessoas que estão mudando agora são pessoas que estão vindo assim do Tatuapé, porque vai empurrando. O pessoal, muita gente assim que mora por ali, o pessoal não ta pagando aquele aluguel, então, o que que acontece, eles vêm pra cá, e acaba empurrando o pessoal daqui mais pra longe. Isso daí eu acho assim, começou a melhorar também um pouco o bairro assim." [Dalva]

No entanto, num lugar onde possivelmente uma certa classe média se forma no plano interno ou ainda vem "empurrada" de localidades mais centrais, continua recebendo novos moradores das moradias precárias que grassam na cidade de São Paulo. Mais prédios, oriundos de programas

habitacionais estatais, perfazem a teia dos adensamentos, tão duramente sentidos no quotidiano de quem já vive o crítico de um lugar onde praças e demais áreas livres são uma raridade para uma crescente população. Ainda hoje a Cidade Tiradentes é, como desde os seus primórdios no entremeio de sua concepção, o grande celeiro de recepção de pessoas removidas de favelas e por intermédio das operações urbanas presentes nas áreas centrais da cidade.

> "A gente ta sabendo, inclusive a gente tem a banca de jornal ali embaixo, uma senhora que foi lá, ela vem do Heliópolis, [...] ela ta morando nuns prédios que tão entregando ali em cima, [...] e ela estava assim meio chateada porque ela estava desempregada, ela não ia conseguir pagar, e é assim, três prestações atrasadas, eles têm que sair. E ela estava muito chateada, estava assim desesperada, porque ela adorou o bairro... [...] Ela falou que adorou, tanto no clima, que ela falou que tinha ido lá no Heliópolis visitar um pessoal lá, e ela chegou lá e já começou a garganta ruim, e ela falou, pelo clima, as pessoas. [...] Como ela foi recebida aqui, sabe, ela falou assim, ela gostou. É um pessoal que eles estão tirando das favelas pra cá". [Dalva]

> "[...] essas coisas, favelas que estão sendo retiradas aí, estão sendo... Estão vindo tudo pra cá. [...] Continua [vindo muita gente]. Principalmente [...] desse programa de valorizar o Centro, de valorizar as áreas urbanas, os imóveis mais valorizados, onde tem favela, onde essas favelas estão pegando fogo, essas pessoas ficam desabrigadas. Então, o que eles fazem, eles levam para um alojamento e deixam lá, depois prometem uma nova moradia."[Roberto]

O quotidiano de quem precisa sair da Cidade Tiradentes e circular pela cidade, apesar das melhorias em relação ao que existia (ou não existia) em 1984, ainda continua sendo marcado pelos atrasos dos ônibus, intermináveis filas, ônibus antigos, superlotação dentro dos coletivos, precariedade em geral. Uma população que beira os 250.000 habitantes, dentro de uma "cidade" onde os empregos praticamente não existem e certos serviços ainda não estão plenamente presentes, é de se esperar que a necessidade de fluxos em direção ao centro é altíssima, e mesmo com terminais de ônibus, linhas "expressas", trem expresso em Guaianases, que está a cerca de cinco quilômetros do

Terminal Cidade Tiradentes, não parece ser suficiente. Mais uma vez, a impossibilidade de efetivação do plano diretor que previa locais de moradia e zonas industriais na Zona Leste de São Paulo imprime as suas marcas no quotidiano de quem vive no extremo dessa região.

> "Por que é assim, é o expresso, ele começa a sair do [Terminal Parque Dom Pedro II] três horas da tarde, 3:45 ele começa a sair. Aí, você fica até às 4:00 pra sair o primeiro. [...] Então, aí forma cinco ou seis filas. Os ônibus caindo os pedaços, aí eles colocam três caindo os pedaços e um bom. E ônibus vai, ele sai de lá, e ele vem, pára no Tatuapé, Aricanduva, depois ele começa a parar aqui no Iguatemi, certo? E de expresso, ele não tem nada mesmo. Aí, ele vem, aquilo lotado, enquanto puder caber gente lá dentro, eles vão enfiando, vão enfiando... [...] Aí, o que acontece? Pelo um ponto, você até entende, você trabalha o dia inteirinho, você já sai de manhã daquele jeito. Você já trabalha o dia inteirinho ali, serviço massacrante. Quando você vem de tarde, você vem dentro daquele ônibus. Você vai conversar com uma pessoa dessa pra melhorar o seu bairro, alguma coisa, o que que ela vai falar pra você? [...] eles vão te xingar até a sexta geração sua! Porque eles vão chegar aqui, às vezes eles saem de lá às quatro horas da tarde, você chega aqui sete horas da noite! [...] Isso é porque é o expresso. Aí, você chega aqui, ele ainda vai ter que tomar banho, vai dormir, porque no outro dia às quatro horas da manhã ele tem que estar em pé." [Dalva]

> "Ah, essa Tiradentes é um bairro-dormitório. Essa é a realidade, é um bairro-dormitório, então o pessoal não tem interesse em ter uma mobilização social, uma participação mais efetiva, nós estamos aqui há 24 anos, é sempre nós e mais alguns que participam." [Roberto]

A efetividade da impossibilidade de mobilização parece ter sido um êxito dentro da estratégia de classe que se imbrica a esse quotidiano. Acordar às 4:00 da manhã, levar três horas para chegar ao trabalho, trabalhar o dia inteiro, sair do trabalho às 16:00 e chegar em casa somente às 19:00 é, sem dúvida, capaz de desmobilizar qualquer um. O momento de chegar em casa é o momento do "descanso", de conversar sobre o dia e os problemas e questões da vida prática, regado ao lazer alienante imposto pela televisão. O cansaço fala mais alto, e

também fala mais alto a necessidade de manter esse quotidiano, enquanto nível de segurança dentro desse nível da prática social, segundo os termos lefebvrianos. E, segundo a feliz afirmação de Raoul Vaneigem,

> "[...] **um mundo no qual a garantia de não morrer de fome se troca pelo risco de morrer de tédio.** O homem da sobrevivência é o homem esmigalhado nos mecanismos do poder hierárquico, pego em uma rede de interferências, em um caos de técnicas opressivas cuja racionalização só espera a paciente programação pelos pensadores programados."[135] [grifo nosso]

A cidade se reproduz como valor-de-troca, na valorização de áreas centrais, que anda paralelo a seu esvaziamento populacional e condena milhões de pessoas a essa vida degradante. Este é o sentido desses depoimentos, expor de que forma os deslocamentos, obrigatórios, vão perfilando e tecendo a trama social e espacial da metrópole. Esse aspecto monofuncional da circulação urbana, de condenar uma população inteira a isso, expressa o sentimento de que não haveria a possibilidade de uma transformação social que viesse dessa mesma população. Agora, discutimos o futuro, o campo do possível-impossível.

> "Ele só vai lá [pro centro] pra trabalhar! Se ele fosse lá pra conviver, aprender uma coisa... 'isso, legal o Centro, vou canalizar aqui, vou tentar pelo menos adaptar isso lá no meu bairro'. [...] Vai, no ônibus, mal-humorado, não cumprimenta nem o do lado, alguns amigos cumprimenta porque ele conhece, chega lá no Centro, [...] volta... A disputa pelo espaço pra pegar um local sentado é um absurdo! Eu sou um homem de 130 quilos, eu fui fazer uma experiência, eu falei com a Dalva, 'eu vou me comportar como um cidadão normal, o trem vai parar, eu vou entrar pausadamente, esperar as pessoas'. Impossível! Isso é o metrô na cidade de São Paulo. A disputa pelo espaço é muito grande. Eu imagino isso, porque nós trabalhamos aqui há 24 anos, [...] nesses últimos 24 anos, eu não peguei transporte pra ir trabalhar. [...] Então, o que acontece, o cara vai pra lá, beleza, pode ser que venha com coisas boas, melhores, que venha. O Centro é onde se canaliza todo, não é, cultura,

---

[135] VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**, p. 20.

> conhecimentos, teatros, cinema etc. e tal. Pô, ele vem lá e ele não tem tempo pra isso! Ele sai com o horário marcado, chega com o horário marcado, come de qualquer jeito, uma má alimentação até, os restaurantes são disputadíssimos, no horário, pra economizar, tem aquela má alimentação [...], e deu o horário dele, ele quer mais é chegar na casa dele, tirar o sapato dele, tomar seu banho e acabou. [...] Eu, por exemplo, quando eu vou pro Centro, vou ser honesto com você, odeio ir pro Centro! [...] Se eu pego uma lotação pra ir numa estação do metrô, eu levo 40 minutos pra chegar na estação. Na estação de trem, eu pego, tem que pegar o trem, então estou gastando mais. Se eu pego um ônibus, é duas horas até o Centro." [Roberto]

Essa fala de Roberto fecha esse item no qual a experiência de morador de Cidade Tiradentes se mescla à sua formação política. Dentro do capitalismo, segundo sua concepção, não há alternativa a ninguém, e a única possibilidade concreta é a "ruptura social", que seria o reino absoluto da barbárie, expresso por todas as formas de violência desmedida contra todas as pessoas. Essa concepção, muito consistente, referenda os conteúdos de um limite posto pelo nosso modo de produção vigente, que se torna a cada dia mais incapaz de se reproduzir. A necessidade de manter as taxas de lucro sempre crescentes, em todos os ramos de produção, em toda a economia de uma forma geral[136], impõe esse urbano, absurdo em sua concepção e seu vivido. Mas não se trata, de forma alguma, de um absurdo em si, pois o absurdo é estrutural em uma economia dessa qualidade, que parece não encontrar mais barreiras para a sua produção.

---

[136] Em relação ao decréscimo das taxas de lucro em escala mundial, a obra de David Harvey é bem emblemática em seu todo, no sentido de mostrar de que forma as crises vão recompondo novas formas de acumulação. Daí, temos as derivações advindas do pensamento marxiano, que coloca o aumento da taxa de mais-valia como expediente necessário da manutenção do crescimento das taxas de lucro. Tal movimento sugere também o recurso à financeirização da economia, que se apóia no capital fictício (conforme apontado por Marx) e na especulação. Quanto a isso, ver: HARVEY, David. **The Limits to Capital.** London: Verso, 2006. Outro estudo a esse respeito, que coloca o mundo do trabalho no contexto da economia financeirizada e seu crítico: DAMIANI, Amélia Luísa (org.) et al. **O futuro do trabalho: elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro.** São Paulo: AGB-SP, Labur/Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2006. (1ª edição)

Em relação ao futuro, a Cidade Tiradentes aponta vários. Não há uma possibilidade de compreendermos esse futuro, esse campo do possível, sem compreendermos outras formas de luta que se realizam em seus subterrâneos, advindos muitas vezes de iniciativas pessoais e que negam, de certa forma, sua institucionalização, conforme analisado no capítulo 2. Para além dos interesses específicos de auferir dividendos com "projetos sociais" de origem e destino duvidosos, bem como de certas personalidades políticas que se locupletam do crítico vivido pela população como forma de render dividendos eleitorais e outros interesses vários, existem algumas iniciativas interessantes, que merecem ser conhecidas e reconhecidas no tocante às suas escalas de ações.

A Cidade Tiradentes é, sem dúvida, uma complexa e mutante realidade, que não pode ser compreendida se analisada por um único prisma. As teias e tramas sociais vão delineando caminhos que perfazem seus pontos, linhas e redes, que compõem territórios entrecruzados. Cabe a todos nós decifrarmos os conteúdos desse imenso texto sócio-espacial.

3.3.2. Os territórios do possível: Áurea e o seu futuro

Neste momento, fechamos o ciclo da história de Áurea, detentora do terreno que pertenceu à Santa Casa de Misericórdia. Seu futuro, conforme seu concebido, é a marca da reprodução de uma longa história que marcou as trajetórias de milhares de pessoas dentro da metrópole paulistana. Após o momento de obtenção da escritura definitiva de seu terreno (agora oficialmente seu), o momento pensado é a venda desse terreno.

> "Ah, eu pretendo vender isso daqui, se der o dinheiro, comprar uma casa em Guaianases, né, perto da família, aí não fica distante da Cláudia. A minha ex-nora mora lá, meu neto casado, né, já tenho uma bisneta com um ano e um mês..."

As marcas de uma vida construída na Santa Etelvina, que se transformou em Cidade Tiradentes, durante cerca de quarenta anos confere a Áurea o poder de vislumbrar um futuro que tem suas bases fincadas no passado. O passado,

enquanto referência, constrói na memória de Áurea a noção de **lugar**, tão presente nos meios acadêmicos nos estudos geográficos, como aliada ao apego e aos significados do subjetivo que esse lugar confere ao vivido de Áurea. É o terreno onde sua família se constituiu, a exemplo de Dalva e Roberto, mas não é capaz de continuar oferecendo a ela esse sentimento. A valorização imobiliária, uma potência de seu local de moradia, aliada ao fato do falecimento de seu marido, prepara o terreno para que outros processos de ocupação, potenciais, se transformem em ato. E todo esse movimento confere-lhe a idéia de progresso.

> "Olha, acho que isso aqui no futuro vai melhorar mais. Você vê, quando a gente mudou aqui, nesta casa aqui, [...] não tinha ônibus pra lugar nenhum. Era estradinha de terra, pegava condução lá... Hoje em dia, a gente tem farmácia, tem hospital, tem pronto-socorro, tem vários postos de saúde, se eu não engano tem oito ou dez postos de saúde dentro da Cidade Tiradentes, agora foi implantado o AMA, ali na Castro Alves, e isso aqui só vai... a tendência é só melhorar. É só progresso. [...] Apesar que o progresso acaba o verde, né. A minha dó de vender essa chácara são as árvores de frutas, que eu tenho mangueira, tenho jaqueira, tenho jaboticabeira... [...] Tem bananeira, tem mexeriqueira, tem pitanga... Então, é tudo árvores de fruta. A banana, eu quase nem compro banana. Eu corto um cacho, tiro pra mim e reparto com os vizinhos. Então, eu tenho fartura. [...] Tem pé de figo aí embaixo, tem carambola, quer dizer, eu vendendo aqui vai acabar toda essa mordomia minha, né, eu vou abrir mão de tudo isso. Mas, daqui pra frente, meu filho, estou com 70 anos, que que eu espero mais da vida?"

O chamado progresso, tomado como algo positivo, vem em contrapartida ao dado negativo, de transformação dos lugares em espaços de amnésia. Assim, territórios se compõem e vão se recolocando no quotidiano de Cidade Tiradentes, dentro de um contexto do crítico. As árvores frutíferas presentes no quintal de Áurea simbolizam um vínculo muito presente com uma vida inteira vivida na região, neste terreno. São árvores que simbolizam o lugar como apropriado pela sua família, como a impressão de uma marca que poderia ficar por muito tempo.

As realidades em constante mutação e em perpétua transformação compõem as redes que se colocam dentro do contexto de uma imensa população submetida a várias formas de negação do urbano. A articulação dos **mares de prédios** aos **mares de gente** nos abre muitas portas na compreensão dos conteúdos presentes nas práticas espaciais dos moradores de Cidade Tiradentes. Vejamos como tal articulação se irrompe ao nível do quotidiano.

3.4. Os mares de prédios e os mares de gente

A experiência quotidiana dos moradores dos prédios serve para sintetizar o sentido de nosso trabalho. Por que justamente dos prédios? Os prédios são lócus de moradia construídos e concebidos com o sentido mais claro do que seriam os mares de gente: todos perfilados tal como um exército em desfile, um defronte ao outro tal como pessoas que possam se vigiar, se entreolharem o tempo todo e não constituírem, necessariamente, uma verdadeira comunicação entre si. Suas formas de comunicação são atravessadas pelo crítico, pela pressa, pelo ônibus lotado e vagaroso, já que a grande maioria dos moradores da Cidade Tiradentes trabalha fora do distrito, como afirmamos no início deste trabalho. Os desempregados, outra massa que se distingue dentre a multidão de pessoas que passam pelas ruas e que sentam no portão de suas casas ou de seus prédios, compõem boa parte da população que pontua as paisagens locais. Tais paisagens, concebidas pelo observador como um momento importante de análise da realidade local, demonstram os olhares, os gestos, os tons de voz, o ritmo do passo do transeunte... enfim, são marcas de relações sociais não tão evidentes. Enveredar-se pelas trilhas e caminhos propostos pelos territórios de circulação e de relações sociais torna-se uma árdua tarefa ao pesquisador. No entanto, é preciso compreender a complexidade das redes intrínsecas a essas territorialidades.

O prédio é também uma instituição[137]. Tem todas as características de qualquer outra instituição: um estatuto, um código externo que regula os códigos internos, formas de comportamento dos instituídos etc, e que também se internaliza nas relações interpessoais enquanto materialidade. E é justamente dentro dessa rede que visamos construir um entendimento do morar na Cidade Tiradentes: neste ponto, resta a contribuição do depoimento da tesoureira de um prédio, Dirce. Sua fala demonstra uma grande intimidade com os trâmites burocráticos e com a administração de situações diversas de conflito dentro de seu prédio. "É prazeroso, mas é difícil", ela diz. A sua posição lhe confere uma certa autoridade perante os moradores, já que, segundo sua fala, "fácil não é não, porque as pessoas infelizmente desconsideram o que é coletividade de coisa pessoal. Misturam um pouco, e pra desvincular não é fácil." No entanto, ela considera positiva a relações interpessoais dentre os moradores do prédio.

> "Aqui tem bastante vizinho bem solidário, na questão, adoeceu alguém, está todo mundo preocupado, um leva no médico, outro quer saber, outro cuida do filho, são bem unidos, no meu prédio não tem assim uma desunião total."

O movimento da entrevista envereda pela comparação de seu prédio com outros prédios onde, segundo ela, "as coisas não funcionam". Uma das razões que faz as coisas não funcionarem seria a desmobilização de seus

---

[137] A chamada **Análise Institucional**, desenvolvida pelo sociólogo francês **René Lourau**, coloca o conceito de instituição da seguinte forma: "O sentido estrito, jurídico, tradicional do conceito de instituição designa diversas categorias de corpos constituídos e de organismos oficiais que servem para a regulação da vida política, para a administração da sociedade. O Estado, por exemplo, é um conjunto de corpos constituídos e de instâncias (coletivas ou individuais) que denominamos instituições: Presidência da República, Congresso Nacional, Conselho Econômico e Social, Corte Suprema, Conselho de Estado, Tribunal de Contas, Corte de Cassação, Chancelaria da Legião de Honra, Ministérios." (ALTOÉ, **René Lourau...**, p. 48). "[...] as **instituições são normas.** Mas elas incluem também a maneira como os indivíduos concordam, ou não, em participar dessas mesmas normas. As relações sociais reais, bem como as normas sociais, fazem parte do conceito de instituição. [...] A instituição não é um nível da organização social (regras, leis) que atuam a partir do exterior para regular a vida dos indivíduos; atravessa todos os níveis dos conjuntos humanos e faz parte da estrutura simbólica do grupo, do indivíduo." (Ibid., p. 71, grifo nosso). Dessa forma, tanto no interior dos prédios quanto na escola (tal como veremos mais adiante, no depoimento de Zilda Borges), verificamos o peso de tais instituições agindo diretamente na vida dos indivíduos e moldando suas práticas sócio-espaciais.

moradores em relação à limpeza e conservação das partes comuns do prédio (pintura externa, escadas, redes de esgoto etc.) e também a presença do hidrômetro coletivo, o que encareceria o preço do condomínio e facilitaria as formas várias de corrupção quanto ao trato com o dinheiro do condomínio. Dentro de seu prédio, assim como em outros prédios onde "as coisas funcionam", a solução para esse impasse, assim como no caso dos inadimplentes do pagamento do condomínio, foi encontrada na individualização dos hidrômetros, o que fez baratear os custos das despesas totais do prédio.

Sua trajetória como moradora da Cidade Tiradentes é também marcada pelo estranhamento. Assim ela descreve suas primeiras experiências com o local:

> "Um horror, **eu não estava acostumada**, eu não sabia o que era uma COHAB, e mesmo quando morava com meus pais era casa térrea, uma vila normal, não era uma vila de COHAB, eu achei muito difícil o relacionamento, eu não conseguia fazer compras no bairro, o dia que eu entrei primeira vez no mercado aqui, eu quase enfartei, **porque eu não estava acostumada**, porque aqui a população era **muita gente**, **muito animal abandonado na rua,** era assim pra mim o caos do mundo. As pessoas batiam às 10 da noite pra te pedir um ovo, aquilo me deixava assim... Não estava acostumada com o ritmo das pessoas da COHAB. **Hoje não, eu já me habituei, já me acalmei e entrei no mesmo ritmo** [...] Padaria, só tinha uma, então a população chegou em massa, de uma vez, lógico que eles não iam conseguir dar conta. Aquela fila... **E eu ia pra fora, como a gente tinha carro na época, então eu fazia tudo onde eu morava, era feira, era mercado, era tudo, porque eu não conseguia ficar.** Eu ficava comparando os produtos daqui com os produtos de onde eu morava, até da feira, era bem complicado. Depois, a vida deu uma rasteira, fui aprendendo como todo mundo. [...] Tinha uma padaria que alagava toda semana. [...] Nós tínhamos alagamentos terríveis, de boiar carro, e o mercadinho, era o mercadinho... A pessoa, a dona, tentava suprir a maior parte das coisas necessárias, mas ela não dava conta, e não tinha luz na rua quando eu cheguei aqui e fundou essa parte da Etelvina,

né, há 16 anos e meio, não tinha luz na rua, os prédios não tinham muro, era tudo no cru mesmo." [grifo nosso]

Histórias de abandono, do crítico dos tempos dos pioneiros, do comércio insuficiente e precário, das enchentes periódicas, do isolamento... Tudo parece confirmar a visão de um local onde o confinamento era (e ainda parece ser) a regra para quase todos. O atraso nos prazos de implantação dos conjuntos que compõem a Santa Etelvina e Castro Alves, a economia brasileira em crise, uma metrópole cujo crescimento populacional nunca fora suprida na mesma proporção pela oferta de moradia... todas são causas e conseqüências que grassam no quotidiano de quem viveu os primórdios dos conjuntos habitacionais de Cidade Tiradentes. E, para completar, a chamada "fase de abandonar cachorros", o que sinaliza o rompimento nas formas de apropriação do espaço do morar: o cachorro, o gato e demais animais domésticos não cabiam dentro da concepção arquitetônica estrutural e nos custos de implantação dos apartamentos da COHAB. Resultado: uma grande população canina abandonada nas ruas, presente no depoimento acima. **E este é um dos sentidos que configuram os mares de gente: muito pouco para todos, e todos vivendo exatamente a mesma situação.** Acostumar-se à situação, termo que apareceu duas vezes neste trecho da entrevista, significa compartilhar de um movimento que equaliza as pessoas, torna suas experiências individuais experiências coletivas: a impossibilidade do urbano para todos.

Os tempos antigos (momento de implantação dos primeiros conjuntos habitacionais), sempre colocados em sua negatividade, incluem a presença da chamada "coronelança". As gestões anteriores do prédio de Dirce são marcadas, dentro de sua fala, por uma enorme corrupção e várias arbitrariedades no tocante às decisões que interessariam a todos os condôminos. Em outras palavras: era o síndico quem **mandava**, não se cumpriam leis, nem o Estatuto do Prédio etc. Tempos que indicam elementos pré-modernos nas relações intra-prediais, o que envolveu muitas estratégias por parte de Dirce de desconstrução dessas estruturas autoritárias. Seu

relacionamento com o cumprimento das normas jurídicas e com um ambiente mais democrático parece ser uma tônica da prática da administração condominial da qual ela faz parte.

Um problema muito sério nos prédios parece ser o espaço das crianças, estes muito exíguos. Dentro do prédio de Dirce, essa falta de espaço se apresenta de uma forma muito crítica.

> "**Então, os coitados das crianças, que uns já viraram homens casados, pais de filhos, nunca tiveram lugar pra brincar. Cresceram assim. [...] A gente mandou fazer esse quadrado aí, que a gente chama de quadrado que eles brincam de bola aqui na frente, perto da lixeira, que é o único lugar que eles têm e recebem muitas críticas.** E vai ser sempre assim, porque nós não temos lugar pra fazer as quadras pra eles, o planejamento agora, não pra agora, mas pra daqui a três meses é colocar pelo menos um alambrado pra não bater bola nos idosos que gostam de tomar sol ali. Então, eles são repudiados, na verdade, as crianças aqui. Quem não tem filhos, grita com os filhos de quem tem. [...] **A gente tenta criar o espaço, mas ele não existe!**"

Os espaços exíguos para as crianças colocam o crítico de uma estrutura que exclui quaisquer possibilidades de apropriação do urbano. Além disso, existe uma clara contradição dentre três formas básicas de viver o espaço do morar nos prédios da Cidade Tiradentes: o **espaço interno da casa**, as **áreas comuns condominiais** e o **espaço da rua**. Para muito além da discussão do público e privado, esses espaços se compõem de forma tensa, conturbada, com múltiplos desdobramentos. **Tais formas compreendem as escalas de apropriação do urbano, tal como sua impossibilidade.**

Comecemos pelo **espaço interno da casa**. Paredes finas demais, ao lado da grande proximidade de outros prédios, perfazem tais relações:

> "'Escutei grito', 'fulano chamando sicrano à meia-noite', 'ah, é uma gritaria'... Já foi pior, hoje as pessoas já estão mais conscientizadas que é ridículo cuidar da vida dos outros, já tivemos sérios problemas com isso... [...] Ah, as pessoas te vigiarem na janela ou então aquela coisa desagradável, falta de educação e cultura, na verdade, inclusive. Está

> chegando da feira, 'você foi à feira?', ué, é notório, né? (risos) Isso me irrita extremamente. 'Você está indo?', 'não, estou entrando de costas!', lógico que você está saindo, então eu falo, não é tanto... é da cultura mesmo, falta educação e tal, mas assim, a gente releva muita coisa pra poder viver numa boa..."

O espaço interno da casa invade as **áreas comuns condominiais**. Como já dissemos, os conflitos decorrentes das formas de apropriação do espaço das crianças e adolescentes são inúmeros. Falta espaço e sobram conflitos a serem administrados.

> "Então, você vê que a gente tem que ter um jogo de cintura, porque [as crianças e os adolescentes] não têm o espaço deles, não tem. Então, a gente tem que dar um paliativo... Tem a praça, fizeram, a gente vive tudo cheio de medos, não é, tem as praças, as mães daqui, como são ocupadas, têm medo que as crianças vão sozinhas pras praças, porque já houve roubo de bicicleta na praça. **Então, a gente vai se encurralando neste pequeno espaço**."

A articulação entre o pequeno espaço do interior do prédio e o **espaço da rua** parece tensa. A rua é o lugar da violência, do medo, do feio, do perigo constante. Como manter as crianças vivendo em tal contexto? Confinando-as em pequenos espaços... Afinal, as crianças nunca vão à rua?

> "Os filhos dos pais daqui não. De jeito nenhum, nenhum, nenhum... [...] **Ah, porque as mães conseguem confinar.** [...] As mães vigiam bem, e confiam deles estarem por aqui. [...] Pra elas é a violência, e agora citaram que tem gente roubando bicicleta de gente pequena, e elas falam que é por causa da avenida, né. Aqui desce muito carro, e lá também, então eles conseguem confinar a meninada por aqui mesmo. [...] E eles vão se habituando, e o que eu tenho notado, apesar do meu filho ser adulto, quando um vai no comercinho comprar bala, prefere ir aqui que ir na avenida, vai sempre o mais velho. **As crianças aqui, elas se olham muito às outras. As de onze olham as de sete e assim sucessivamente. Umas cuidam das outras.** Tem sempre um pra dar uma vigiadinha, a gente vê algum grito, alguma coisa, orienta, eles até que obedecem bem." [grifo nosso]

Percebemos, afinal, que são escalas que se interconectam a todo instante, de forma dialética. Constituem níveis de apropriação do espaço da moradia, todos limitados, confinando o espaço do corpo e demais formas possíveis de apropriação do espaço. O roubo de bicicleta na praça, a presença cada vez maior de carros na avenida etc., vão regulando e educando o corpo a seguir determinadas trilhas dentro do espaço urbano. Esses limites constituem barreiras, e constroem uma complexa rede de relações sociais na Cidade Tiradentes.

Vejamos agora o caso de Bárbara, ex-moradora de um dos prédios da COHAB e dona de um comércio no eixo da Avenida dos Metalúrgicos. Seus antigos locais de moradia remontam à Vila Formosa e Itaquera, ambos situados à Zona Leste. Depois, sua moradia fora estabelecida na Cidade Tiradentes, onde ficou durante um ano, provavelmente entre 2001 e 2002. No entanto, a Cidade Tiradentes é o seu local de trabalho desde dez anos antes desse período, o que lhe conferira um contato muito intenso com as tramas sociais locais mesmo antes de transferir sua moradia no interior do distrito.

> "Eu mudei pra um apartamento, no começo eu fiquei com muito receio, porque aqui você escuta falar muita coisa, que o pessoal invadia apartamento, mexia, pegava as coisas, **então a primeira coisa que eu fiz quando eu mudei foi colocar um olho mágico, uma tranca a mais na porta.** Eu morava no térreo, que é um lugar assim, ruim, e eu passo o dia inteiro trabalhando, e só chegava à noite. **Então, quer dizer, eu não tinha amizade com ninguém, do mesmo jeito que hoje eu também não tenho, porque a minha vida é só aqui trabalhar...** o meu relacionamento com as pessoas aqui é só um relacionamento comercial, entendeu, não tenho amizade com ninguém. Eu converso mais assim é com o pessoal do comércio mesmo, mais com os comerciantes."

Seu relacionamento com a vizinhança que, de acordo com seu depoimento, sempre caminhou entre a indiferença, o medo e a tensão, configura um importante dado no tocante à compreensão dos conteúdos inscritos na trama do vivido em Cidade Tiradentes: assim como essa forma de moradia (os prédios) fora historicamente concebida com vistas ao monofuncional do espaço

da casa (o privado) e o espaço de circulação (a rua), as relações de vizinhança se esboroam com tal monofuncionalidade: cada um na **sua** casa (já que a propriedade da casa se configurou como o alvo de vastas populações que recorreram à COHAB) e cuidando de **sua** vida particular. Eis o sentido da propriedade privada,[138] duramente colocada em consonância ao quotidiano.

Chegar em casa à noite e sair de manhã para trabalhar pareceu não ser suficiente na experiência negativa de Bárbara em Cidade Tiradentes. O espaço público e o privado, apesar de intencionalmente postos em separado no momento da concepção dos conjuntos, se articulam e se imbricam, impondo o crítico ao seu quotidiano.

> "Então, eu chegava à noite e saía de manhã, só que isso daí não era o suficiente (riso nervoso), [...] porque eu chegava à noite e eu não falava com ninguém, porque não tinha ninguém pra falar nem bem nem mal de mim, nem me destratar nem me agradar. Só que a molecada batia bola direto na parede do meu quarto, (enfática) à noite, e quando eu mudei pra cá, eu morria de medo porque aqui como é um bairro assim de periferia muito longe, distante de tudo, isso aqui no começo era pior ainda, meu medo era do pessoal assim do tráfico, que tem mesmo aqui o tráfico de drogas, entre outras coisas, meu medo era desse pessoal, que inclusive no prédio onde eu morei, ele tinha uma fama muito ruim, mas eu não tinha escolha, meus filhos eram muito pequenos. [...] Então, o pessoal batia a bola direto aqui na parede do meu quarto, e eu pensei que ia ter problema assim com o pessoal que mexe com o tráfico, não é, inclusive tinha gente morando no prédio, que tinha saído de cadeia, tinha gente que tinha parente, aliás aqui acho que a maioria tem."

---

[138] "A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o **nosso** [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, **usado.** Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente apenas como **meios de vida**, e a vida, à qual servem de meio, é a **vida** da **propriedade privada**: trabalho e capitalização. O lugar **de todos** os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do **ter**. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior." MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 108 e 109, grifos do autor.

Dessa forma, configura-se a intersecção de sua experiência com as redes e territorialidades do tráfico de drogas. Para além da concretude que essas redes impõem à vida dessas pessoas, o aparato da repressão e do medo são ingredientes básicos na reprodução dessas redes: a presença-ausência do tenso dessas territorialidades. O espaço de moradia, compartilhado entre muitas pessoas, coloca essa binaridade na vida de milhões de pessoas que vivem tal situação: a lei do silêncio, o aprisionamento no presente imediato... Todas são formas de configurar o sentido de fazer parte de uma imensa população que se articula nestes termos e constrói seus espaços de relações dentro dessas críticas condições. A presença-ausência da figura do "vizinho que tem parente na cadeia", assim como a do "dono da boca-de-fumo do prédio", configura uma percepção de insegurança, instabilidade e negação do direito à moradia, no seu sentido mais amplo.

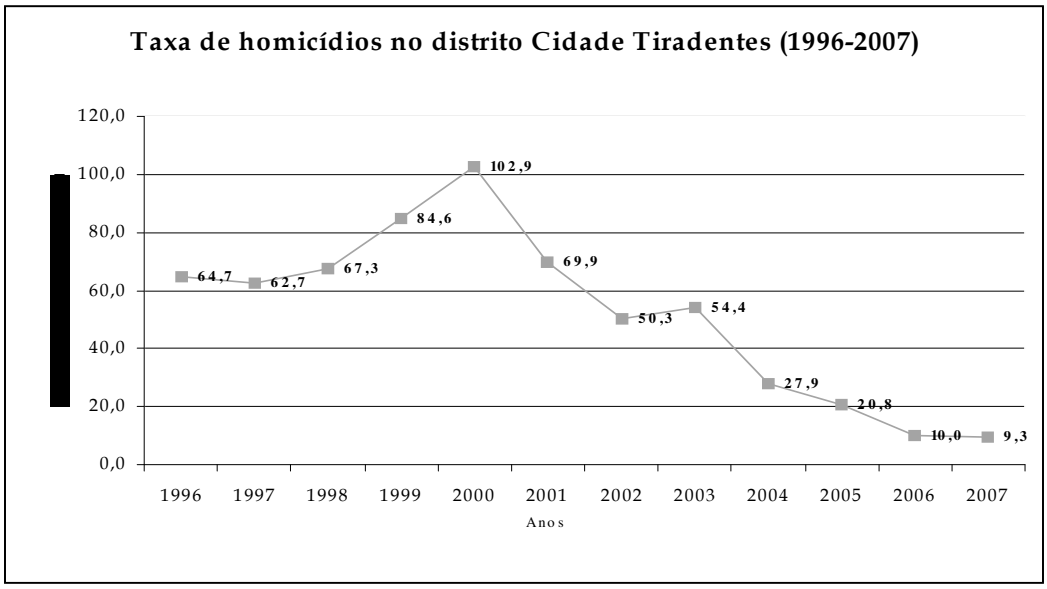
Assim, os **ditos** juntamente com os **não-ditos** compõem a estrutura e a trama sócio-espacial que tece o quotidiano de quem vive a Cidade Tiradentes. Histórias de corrupção por parte de representantes do Estado grassam pelas vozes que se fizeram ouvir. Em relação a isso, é interessante notar como Valdinei, um militante envolvido com o Sindicato de Metalúrgicos, constrói suas redes dentro da teia de relações sociais da Cidade Tiradentes. Segundo suas próprias palavras, "eu conheço todos os prédios desse canto, posso te levar pra qualquer lugar, sou muito conhecido aqui". Conhecido porque sua forma de acesso aos prédios e ao quotidiano em seu interior ocorre por intermédio dos "bicos" que faz dentro dos apartamentos ou mesmo para todo o prédio: serviços elétricos, hidráulicos etc., a conhecida figura do "faz-tudo", célebre nas periferias da cidade de São Paulo.

E é de boca em boca[139] que vai se entremeando nas redes e territorialidades, desde a dona-de-casa que precisa consertar sua pia da cozinha

---

[139] A esse respeito, é interessante notar como Lefebvre (1978) trata das redes e tramas sociais: "As tramas se diferem das redes em que veiculam pessoas e não somente 'ruídos', informações e rumores. Através dessas tramas, os jovens encontram lugares, entram num ofício, recorrem do

até as autoridades policiais da região. E, dentro dessa complexa trama social, Valdinei identifica uma articulação dentre os mais diversos atores sociais e políticos, o que "garante" uma certa estabilidade social da região, conforme verificado, no gráfico a seguir, pela queda das taxas de homicídio na Cidade Tiradentes, nos últimos dez anos.



Fonte: PRO-AIM e Fundação Seade, 2008.

Ele completa assim: "acho que a tendência aqui é melhorar, porque mantendo assim, está bom." De certa forma, tais articulações abriram terreno para que o Estado ingressasse na região de uma outra forma, diversa à implantação de conjuntos habitacionais: a inauguração do Hospital Cidade Tiradentes, em consonância com o CEU Água Azul ocasiona uma visível valorização dos imóveis do eixo Avenida dos Metalúrgicos / Rua dos Têxteis.

---

campo à cidade. Com sua ajuda, se pode descobrir o artesão que nos reparará esse objeto, o livreiro que tem esta ou outra obra, o médico ou o advogado convenientes. Ao longo das tramas se prosseguem ascensões sociais; ascensões que abrem caminho ao sucesso ou ao fracasso. Ao nível da quotidianidade, estes suportam as relações formais e representam as instâncias: a burocracia, a organização econômica, a aplicação dos regulamentos e as leis, os vínculos entre a cidade e o campo, entre Paris e a província, entre o país e o estrangeiro. Desempenham papel importante na 'mobilidade social'. No nível do 'vivido' quotidiano, introduzem perspectivas mais amplas. É raro que um indivíduo, por mais isolado que pareça, não seja membro de uma rede ou uma trama, amiúde sem sabê-lo. A maior parte da gente participa em vários destes grupos 'informais'." (1978, p. 101, tradução nossa). Este é o caso de Valdinei, que perseguindo as mais diversas tramas sociais, consegue construir uma ampla visão dos rumos que a Cidade Tiradentes poderá seguir.

Para onde vão os que não podem suportar essa valorização, os mais pobres dentre os pobres? De forma irônica, eis a reposta de Valdinei: "já não tem mais lugar debaixo da ponte, favela não tem mais lugar de fazer, então é voltar pra sua cidade, pra sua terra natal quem puder, e quem não puder morrer de fome por aí." Para além de qualquer palavra sobre os fluxos migratórios, as territorialidades dos migrantes etc., sua fala, de um migrante proveniente da Região Nordeste do Brasil, torna bem claro o limite imposto pelo crítico da economia à qual estamos submetidos: **não há espaço para todos, sobretudo para os mais pobres dentre os mais pobres!** Mas, com o perdão da ironia[140] que vige nesta sociedade, "a região vai se valorizar muito..."

O sentido dos "mares de gente" se realiza na materialidade das formas do vivido dessa enorme população. Trata-se de grandes contingentes que vivem a massificação enquanto concretude; no entanto, há que se considerar a complexidade desse gigantesco processo de massificação. Eis algumas características desses "mares":

- **A população mais pobre é constantemente usada, no tocante aos seus campos de práticas espaciais, para os processos de valorização do espaço.** Isso já se torna muito claro no momento de implantação dos conjuntos habitacionais, quando os "invasores" das terras e imóveis abandonados "esquentaram" o lugar para a chegada dos futuros moradores oficiais. Além disso, a diminuição estatística dos "índices de violência" no local aparece articulada com a implantação do CEU e do Hospital, o que perfaz um visível processo de valorização, compreendendo a articulação de escalas e espacialidades várias. Para os mais pobres dentre os pobres, esses que foram usados na construção de

[140] A **ironia**, conforme utilizada neste ponto, nos remonta à expressividade de boa parte da obra de **Karl Marx** e **Guy Debord**. Ambos autores, no momento da crítica ao modo de produção capitalista ou à chamada "sociedade do espetáculo", se utilizam dessa figura de linguagem como potencializadora da crítica. Agradeço à Prof.ª Amélia Damiani por ter colocado essa idéia em uma de suas aulas do curso de pós-graduação.

um ambiente urbanizado em Cidade Tiradentes, resta o nada, o lugar-nenhum.

- **Do ponto de vista político, a Cidade Tiradentes se apresenta enquanto um poderoso colégio eleitoral.** Não nos aprofundamos neste aspecto, já que isso transcende o nosso objeto de estudo. No entanto, identificamos que inúmeros interesses político-partidários se encontram em pleno curso nas tramas sociais do distrito. Basta observarmos os comícios de alguns candidatos presidenciáveis nas eleições de 2006 foram realizados na Cidade Tiradentes. Essa articulação política que ressalta a importância do distrito foi percebida por todos os entrevistados.
- **Dentro das tramas do quotidiano, todos vivem a mesma situação, possuem experiências muito parecidas em relação ao espaço no qual estão inseridos.** No entanto, cada um vive a **sua** vida, dentro de uma atmosfera social onde se realiza plenamente o **individualismo**, e muitas das relações interpessoais intra-prediais são severamente esgarçadas.

A noção de "mares de gente" e "mares de prédios" se inscreve, portanto, no seu **uso**. A massa existe, neste caso, porque ela é usada, e são tais usos que definem o processo de urbanização nessa parte da periferia de São Paulo. Conforme veremos nos depoimentos a seguir, ocorre também uma complexa articulação da instituição **escola** com as pessoas que vivem o local. Tanto a escola quanto o local de moradia e a construção do espaço da rua e da circulação quotidiana perfazem o monofuncional a todo instante. Tal monofuncionalidade se constitui, portanto, como um grande impeditivo para outras formas possíveis de apropriação do espaço da rua e, por conseqüência, do direito à cidade. A rua é apenas o lugar de circulação e de perigo para as crianças que ousam ultrapassar os restritos limites dos muros de suas casas ou prédios. A cidade e a metrópole são, portanto, estanhas aos indivíduos.

No entanto, o futuro aponta para diversos possíveis. Fechando esse ciclo, abrimos as portas para esses possíveis, de forma a compreendermos como todo o passado e o presente podem construir um futuro para Cidade Tiradentes.

3.5. Territorialidades possíveis: o futuro de Cidade Tiradentes segundo as lutas do presente.

Em um dado ponto do distrito (conhecido como "Setor G"), em uma rua paralela à Rua dos Têxteis, está localizada a EMEF "Olinda Menezes Serra Vidal". Nesta escola, desenvolve-se um importante projeto, denominado "Historiando a Cidade Tiradentes", o qual é levado a cabo pelo professor de história Bartolomeu Targino. Trata-se de um projeto que, segundo sua fala, tenta desconstruir as representações da Cidade Tiradentes como "um local ou de ex-favelados ou de desempregados, quando na realidade a Cidade Tiradentes nesses 23 anos teve muitas mudanças". As trajetórias de Bartolomeu explicam melhor essa sua atitude, enquanto ser implicado à instituição escola e todo seu contexto, se autodenominado "professor-pesquisador".

> "Eu morava em Itaquera, faz oito meses que eu estou morando na Cidade Tiradentes. Trabalho na Cidade Tiradentes, já tem dois anos. [...] E um dos motivos que fez com que eu viesse pra cá foi justamente esse projeto, né, porque eu também tinha um olhar muito preconceituoso pra Cidade Tiradentes, principalmente na década de 80, a minha mãe morava aqui e eu achava muito desgastante vir de Itaquera e vir até aqui. [...] Primeiro, a condução, tinha só um ônibus que subia aqui pro "setor G". [...] Não tinha asfalto, então no dia de chuva as pessoas entravam com o pé todo sujo de barro, e quem estava dentro da condução saía com a roupa toda suja, então era uma das coisas que eu falava, 'isso daqui não é lugar de gente morar'. Eu tinha um olhar totalmente preconceituoso pra Cidade Tiradentes e achava horrível vir pra cá. Bom, depois de um tempo a minha mãe mudou da Cidade Tiradentes, passamos a morar em Itaquera e aí, eu trabalhando aqui, eu comecei a sentir uma diferença muito grande, condução, é..., o meio de transporte mudou, asfalto, você tem supermercados que antes não tinha pra atender ninguém aqui, então a intenção de fazer um projeto voltado pra história da Cidade Tiradentes é pra justamente tentar desconstruir esse olhar que as pessoas ainda têm da Cidade Tiradentes. [...] Porque se você for falar com as pessoas que moram aqui, ninguém nasceu aqui, mesmo porque esse bairro vai

> completar 24 anos. Então, são os adolescentes que agora começam a entender o espaço em que estão vivendo e é com eles que eu quero trabalhar pra mostrar que o sujeito pode interferir nessa trajetória do fazer histórico. Então, eu venho trabalhando há três anos nesse projeto."

Segundo a percepção de Bartolomeu em relação ao distrito, com o passar dos anos tudo foi mudando gradativamente. Relembrando os aspectos físicos e estruturais da época de implantação dos primeiros conjuntos habitacionais, fartamente ilustrados pelos depoimentos anteriores, Bartolomeu classifica a sua percepção perante seu antigo olhar como "extremamente preconceituoso". Não se trata apenas de um mero preconceito qualificar um lugar que não oferecia sequer a possibilidade do quotidiano para quem habitava os conjuntos, mas também do impacto, do olhar, do sentimento de que não havia possibilidade de viver uma realidade tal como se apresentava na Cidade Tiradentes da década de 80. No entanto, a trajetória de Bartolomeu vai se construindo paralelamente a trajetória do distrito, no momento em que, aos poucos, as primeiras "melhorias" foram chegando: mais ônibus, equipamentos de consumo e serviços, estradas asfaltadas etc. São melhorias que, mesmo que ilustrem o irrisório do urbano, já se apresenta como uma grande conquista de quem vive a Cidade Tiradentes. Entretanto, a imagem e a representação, tão importantes no contexto do trabalho que Bartolomeu realiza com seus alunos, tornam-se imprescindíveis no momento em que o professor busca "construir a identidade da Cidade Tiradentes"; e isso se torna ainda mais importante em relação aos mais jovens, pois são esses que, segundo o depoimento, começam a viver o lugar.

> "No dia 24 de novembro [de 2007] nós tivemos a Semana da História. E dentro dessa Semana da História, o que foi apresentado? Os trabalhos que eles produziram. [...] E um dos relatos, porque nós escrevemos vários textos e a temática era 'ser jovem e morar na Cidade Tiradentes', e aí nós passamos por uma comissão julgadora porque não dava pra todo mundo ler o texto, e tinha 256 pessoas num sábado dentro da escola, nós privilegiamos alguns textos. E um dos meninos que leu **chorou**. Mas esse choro, sabe o que é, o que eu entendo, é um resgate da auto-estima. É

> dizer que mora na Cidade Tiradentes, mas sabe pensar, sabe escrever, e pode mudar uma realidade que foi colocada por sujeitos históricos que não conhecem realmente a realidade do que é morar na Cidade Tiradentes."

O choro do aluno que leu o texto, entendido como o resgate da auto-estima, imprime várias escalas possíveis. A representação do lugar onde se mora e das relações sociais implicadas no vivido deste lugar, compõem o quotidiano. No entanto, existem as representações que vêm de uma ordem distante, nos termos lefebvrianos, e as mídias são um exemplo disso, a expressão e a face da cisão que é o quotidiano, ao mesmo tempo em que representa a união, contudo por formas alienadas[141]. Eis o sentido da potente alienação imposta ao imaginário social a propósito das representações da periferia, como um lugar violento, pobre, indigno etc., tal como a imagem dos cortiços paulistanos nas primeiras décadas do século XX perante as classes dominantes, como fora apresentado no capítulo 1 deste trabalho.

As relações sociais em Cidade Tiradentes parecem ser pautadas em uma interessante constituição de uma cultura local específica. O olhar de Bartolomeu perante tais relações sociais, implicado em sua posterior formação acadêmica após o período em que visitava sua mãe na década de 1980, torna-se mais apurado e começa a tecer uma perspicaz interpretação das estruturas que movem essa construção social.

> "O meu olhar atual, tem uma música do Chiquinho do Amaral, que é um rap. É morador daqui... [...] Você escuta em todos os prédios a música do Chiquinho do Amaral, que começa assim, 'respeito e disciplina são sempre as palavras-chave, aqui estamos juntos, nosso time é sem massagem'. E ele diz o quê, ele diz que o morador da Cidade Tiradentes,

---

[141] Essa idéia foi a principal de nosso Trabalho de Graduação Individual: SILVA, Marcio Rufino. **"Eu não faço parte do lado de lá, faço parte do lado de cá: representações urbanas, quotidiano e mídias".** (Trabalho de Graduação Individual) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. Defesa ocorrida em 20/12/2005. Esse trabalho trata de representações a propósito do urbano imiscuídas às mídias, cuja análise se ancorava numa "teoria do espetáculo"; a partir daí, propunha a união, nos termos alienados, de uma cisão que é corporificada na reprodução social total.

> ele tem que ter respeito e disciplina. Você tem que entender que você mora dentro da Cidade Tiradentes e tem a violência. Mas não a mesma violência que tinha há 20 anos atrás. Olha, tem o tráfico, tem o tráfico, olha, tem pessoas carentes, tem pessoas carentes, mas só isso, não, tem muito mais. Tem pessoas que estão tentando mudar a realidade deste local."

As convergências entre as linhas que unem os pontos vão colocando as tramas sociais que implicam as territorialidades que, muitas vezes, estão impressas no tocante à realidade local. Segundo a fala de Bartolomeu, "respeito e disciplina" podem ser entendidos como os princípios estruturais dentro de uma ordem na qual a relação com a violência quotidiana parece ser um ponto crítico, nevrálgico; sendo assim, é estabelecido, aparentemente, um certo equilíbrio social mediado por alguns códigos que perpassam as tramas sócio-espaciais de Cidade Tiradentes.

Mas o crítico de um lugar ainda muito distante dos empregos e serviços que seriam necessários para toda sua população ainda se materializa, de forma dramática, dentro do quotidiano de quem vive Tiradentes. A questão do desemprego, uma profunda marca local, está totalmente vinculada à questão dos fluxos. Ao mesmo tempo em que as territorialidades podem ser vistas como importantes na compreensão dos vínculos que as pessoas do distrito mantém com o restante da metrópole, por intermédios dos deslocamentos e trajetórias várias, esses deslocamentos são impeditivos quanto à sua efetiva realização. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que não podemos tratar dos sistemas de transporte existentes na Cidade Tiradentes atual da mesma forma que tratávamos da inexistência desses sistemas em meados da década de 1980, em alguns aspectos ambas possibilidades concretas de deslocamento se assemelham. E isso, ao lado das representações e imagens várias a respeito das periferias paulistanas da região leste da cidade, onde a distância em relação ao centro, assim como as dificuldades de locomoção, parece ser uma chaga dessa região desde tempos idos, temos a dificuldade dessa população em conseguir seus empregos. Para além de um "mapa mental" que se materializa nas

mentalidades de quem emprega, a barreira espacial é duramente sentida por essa população.

> "As pessoas aqui, de certa forma, são estigmatizadas. [...] Porque toda vez que você vai fazer uma entrevista de emprego, e você diz que você mora no extremo leste da cidade, as pessoas já colocam empecilho por isso, por conta disso. É uma das coisas que pesam muito. [...] 'Você mora longe'. Tem uma greve de condução, você não está próximo de um outro meio de condução, por exemplo, parou o ônibus, você tem que estar próximo de um metrô. Se você sair daqui da Cidade Tiradentes pra ir até Itaquera você vai gastar entre 30 e 50 minutos de van. Se você pegar uma van no Tatuapé e vir até a Cidade Tiradentes, você vai gastar por volta de uma hora e trinta minutos, isso se não chover. Porque se chover, as coisas complicam mais ainda, né, você pode ficar no meio do caminho e não chegar na Cidade Tiradentes. Porque tem o Aricanduva, porque tem o 'tobogã'. [...] E quando chove ali inunda e os ônibus não passam. As pessoas descem ali e vêm caminhando até a Cidade Tiradentes, até o local de moradia."

Os códigos locais também estão expressos no espaço percebido e vivido. O "tobogã", para além do aspecto lúdico desse nome, expressa o ponto crítico de uma implosão urbana que se manifesta no quotidiano dos moradores de Cidade Tiradentes, onde a vida de cerca de 250.000 pessoas é condicionada à existência de um ponto, que na verdade é a convergência da Estrada do Iguatemi com o vale do Rio Aricanduva, cuja nascente encontra-se nas proximidades. Esse "fundo de vale" que coincide com a passagem da Estrada do Iguatemi, potencialmente inundável nos dias de chuva, é um ponto nevrálgico na circulação quotidiana dos moradores de Cidade Tiradentes.

É no contexto de todo esse crítico ainda presente na atual Tiradentes que o professor considera que uma certa identidade em relação ao local começa a se construir dentro da vivência dos mais jovens. São os mais jovens que, segundo Bartolomeu, começam a criar a cultura local apoiada numa estruturação de uma identidade que coincide com a afetividade em relação a lugar.

> "Então, [...] o que eu tento fazer aqui, na realidade, é resgatar a auto-estima desses moradores que estão vivendo pelos seus primeiros dez, quinze anos de vida aqui na Cidade Tiradentes. Porque essas pessoas nasceram na Cidade Tiradentes, os pais dessas pessoas vieram de várias regiões da cidade atrás de um sonho, a casa própria. Se você quiser colocar uma palavra-chave pra Cidade Tiradentes, na minha concepção, é **a busca do sonho da casa própria.** E isso começou a partir de 1983. Então, as pessoas que têm 40 ou 45 anos agora é que estão aprendendo a gostar do bairro, porque elas na realidade saíram da Águas Espraiadas vieram pra cá, saíram de Santo Amaro, vieram pra cá e era um estranhamento. É como se você estivesse num lugar que você perde a sua identidade e você tem que construir uma outra. Então, hoje começa-se a criar aquele negócio, 'eu gosto de morar na Cidade Tiradentes', mas isso é muito novo. Então, eu estou tentando explorar tudo isso e de certa forma aprender. O que eu quero aprender, eu quero aprender a ter uma relação diferente com o outro [...] eu não preciso morar aqui, mas eu preciso aprender a respeitar as pessoas que moram aqui." [grifo nosso]

É dessa forma que, dentro de um jogo social atravessado por práticas e territorialidades várias, de vários segmentos sociais e com interesses e vividos os mais diversos possíveis, é que a trama social e espacial dessa enorme área da Zona Leste de São Paulo pode ser vislumbrada. A "busca do sonho da casa própria", tal como mencionada de forma enfática por Bartolomeu, sintetiza o cerne da questão, na qual o habitar o espaço compreendido pelos conjuntos habitacionais coincide com uma concepção de cidade e de urbano que é pautada na segregação sócio-espacial. Uma forma eficiente, ao mesmo tempo não tão eficiente assim, de realizar a economia urbana por intermédio da reprodução do espaço como uma raridade. Em suma, dentro de todo esse contexto, urge considerar que certas formas específicas de sociabilidade vão se construindo nas teias da urbanização crítica, e o crítico, enquanto tal, regulamenta e redefine as práticas sócio-espaciais. Mais do que um espaço monofuncional para a "habitação social", torna-se um lugar que expressa, por intermédio de suas territorialidades internas e externas, o jogo social que se coloca na metrópole como um todo. Assim, certos códigos sociais são postos de

forma a sustentar um certo equilíbrio. Voltando à questão do "respeito e disciplina"...

> "Hoje ninguém mais invade apartamento do outro. Hoje as pessoas não entram no seu apartamento pra pegar a sua televisão. Então, o que você tem que repetir, a fala do Chiquinho Amaral, 'respeito e disciplina', são sempre as palavras-chave. Porque disciplina, ser morador na Cidade Tiradentes e ter disciplina, como em qualquer lugar da periferia de São Paulo, você sendo morador, eu não vi, eu não sei, essa é a regra. 'X-novar', ser o dedo-duro, jamais! **Se você mora na periferia da cidade de São Paulo, em qualquer bairro, você tem que ter isso bem claro. Isso é lei de sobrevivência. Então, se você não mexe com ninguém aqui, ninguém vai mexer com você.** [...] Porque ainda existe sim a imagem da Cidade Tiradentes da década de 80, que tinha o toque de recolher, que você andava pelas ruas e sempre tinha um cadáver estendido no chão... Estou há oito meses aqui, engraçado, e olha que eu tenho um sono leve, eu nunca escutei tiroteio aqui, nesses oito meses, tanto que em Itaquera quase todas as semanas eu escutava, sabe, tiroteio, perseguição policial, e aqui na Cidade Tiradentes eu ainda não vi isso. Tem? Tem. Espera um pouco, onde está? Se tem, está muito escondido e outra coisa, eles não fazem mais aqui, você está entendendo? Por que, porque na realidade até as pessoas que fazem parte, né, desses bandidos, desses marginais, eles já entenderam que aqui não é o lugar de sujar a área. Aqui é o lugar de respeito, tem que ter disciplina." [grifo nosso]

O interessante depoimento de Bartolomeu nos leva a pensar na existência de outros possíveis. Seu tom de voz, não dedutível nesta transcrição de seu depoimento, e seu entusiasmo que não também não aparece claramente no texto transcrito de sua fala é capaz de nos transportar a imagens de uma construção de um novo sentido para a metrópole. Como já dissemos e frisamos no decorrer de todo o segundo capítulo deste trabalho, certas formas de luta existentes na metrópole e, mais especificamente na Cidade Tiradentes, ocorrem no âmbito do individual, onde as lutas se pautam pela própria prática implicada ao quotidiano.

Como morador de Cidade Tiradentes, Bartolomeu consegue trazer várias formas de interpretação da realidade local, assim como coloca o limite e amplia as escalas em relação à sua prática quotidiana. Muito mais do que a convivência com os alunos e a comunidade escolar no espaço institucional da escola, sua vida é completamente implicada ao quotidiano de Cidade Tiradentes. Portanto, trata-se de uma convivência se dá nos termos do quotidiano e, dentro desse contexto de convivência, que é invadida por escalas várias de uma ordem distante que parece incutir certas imagens negativas às periferias.

As representações da periferia é uma preocupação no trabalho de Bartolomeu, o que o coloca enquanto um ser implicado, nos termos de um instituinte dentro da instituição[142]. Dessa forma, a escola como instituição se torna um campo de sua prática quotidiana que confere um sentido à busca da construção de uma identidade para os moradores da Cidade Tiradentes. Assim, a escola pode se apresentar como uma territorialidade que envolve várias escalas, múltiplas no interior de suas práticas. Ainda sobre a escola, o depoimento a seguir coloca as impressões de Zilda, coordenadora pedagógica, sobre as relações sociais no interior da escola.

3.5.1. Zilda Borges e a instituição escola no contexto das relações sociais locais.

Na mesma escola, temos a presença da coordenadora pedagógica Zilda Borges, que tece algumas importantes considerações a respeito das relações sociais locais que se manifestam no quotidiano da escola. Em sua fala, ela destaca algumas possibilidades para a construção autônoma de uma atmosfera de transformação social conhecem os seus limites dentro da Cidade Tiradentes.

---

[142] Dentro da Análise Institucional, é interessante marcarmos a noção de **instituinte** e **instituído**: "Por 'instituinte', entenderemos, ao mesmo tempo, a contestação, a capacidade de inovação **e**, em geral, a prática política como 'significante' da prática social. No 'instituído' colocaremos não só a ordem estabelecida, os valores, modos de representação e de organização considerados normas, como igualmente os procedimentos atuais de previsão (econômica, social e política)." (ALTOÉ, Op. cit., p. 47, grifo do autor).

Tendo este cargo de coordenadora há apenas dois meses (no momento de nossa entrevista), ela relata que embora esteja ainda começando a conhecer a realidade social local, já é capaz de fornecer alguns importantes elementos possíveis de análise do vivido em Cidade Tiradentes.

Em relação ao processo de escolha e atribuição de aulas e demais cargos, as escolas da Cidade Tiradentes quase sempre são as últimas a serem escolhidas e muitas vezes sobram vagas para os professores e demais profissionais. Segundo sua percepção, isso ocorre devido à distância do distrito em relação a áreas mais centrais, pois a grande parte dos professores não são moradores da Cidade Tiradentes. E também acontece uma grande rotatividade de professores e equipe pedagógica, pois assim que surge uma vaga mais próxima ao local de residência desses profissionais, eles acabam solicitando a remoção para escolas localizadas nessas áreas mais centrais. Isso gera um grande problema para a escola que, por conta disso, "acaba não criando uma identidade na escola e uma identidade com esses moradores do conjunto habitacional".

A falta de espaço para as crianças brincarem dentro do conjunto é também uma outra questão muito importante, que se materializa no espaço escolar. Por conta disso, muitas vezes o espaço do pátio da escola é o único possível para o encontro e as brincadeiras das crianças, já que as partes externas dos prédios dos conjuntos não são suficientes para atender a todos. Além disso, em muitos prédios são regulados os horários de uso dos espaços externos para as crianças e também boa parte desses espaços externos são usados como estacionamento dos carros dos moradores. Enfim, a luta pelo espaço vital é um drama muito sentido para os moradores dos conjuntos habitacionais dentro de Cidade Tiradentes, como já fora assinalado, e atinge também as possibilidades de socialização das crianças no contexto da rua e dos espaços prediais.

> "Os alunos que têm mais problema de disciplina, quando nós chamamos a mãe pra conversar ou o pai pra orientar, muitos colocam que viver em prédio, o problema é esse, falta espaço pras crianças brincar, correr, ter contato com a vizinhança, que as regras do prédio e do síndico impõem

> horários, impõem limites que muitas vezes não acabam permitindo que a criança tenha amizade, converse na porta do prédio, corre, brinca, pula corda, então muitas vezes a criança usa o próprio espaço do pátio da escola como esse lócus de encontro, de promoção de brincadeiras e muitas vezes até de relações agressivas. Nós estamos percebendo também que a escola fica aberta nos finais de semana e que muitos moradores usam o espaço da quadra, usa o espaço externo da escola pra empinar pipa, pra fazer campeonato de futebol, pra brincar. Um outro dado que eu tenho percebido, é que muitas entidades, muitas igrejas encaminham memorando pedindo o espaço da escola pra fazer cursos, pra fazer casamento, até casamento, pra fazer cultos religiosos, então é um espaço bastante requisitado."

A requisição da escola para encontros e eventos é muito alta, e expressa o crítico de um lugar onde os locais possíveis do encontro são raros e, muitas vezes, impossíveis. O drama dos adensamentos é a expressão disso, em um local onde os espaços públicos, já tão escassos, são utilizados como terrenos para construção de novos conjuntos habitacionais. E nesse momento entra a escola como um lócus importante de encontro dessa comunidade, e onde as relações sociais em Cidade Tiradentes podem ser percebidas de uma forma mais complexa.

No entanto, essa necessidade do encontro e da festa, num lugar onde tais espaços são impossíveis, vem paralelo à desconfiança em relação ao outro, ao vizinho. No quotidiano escolar, Zilda percebe que, muitas vezes, muitos pais de alunos da escola não confiam o cuidado de seus filhos, em caso de doença ou qualquer outra necessidade, ao seu vizinho. Esta é a expressão de redes de sociabilidade extremamente esgarçadas pelo quotidiano, na qual a desconfiança vem atrelada à impossibilidade da construção de um sentido de bairro.

> "Nós estamos percebendo também que nas relações de viver esse espaço urbano nessa moradia, os prédios, as relações entre as pessoas são muito distanciadas. Quando nós conversamos com os pais pra deixar o nome de um vizinho que pode receber o aluno se tiver um problema de uma febre na escola, por exemplo, em geral eles não têm com quem contar, são relações muito distanciadas de solidariedade em relação ao modo de

> viver. Não tem aquele vizinho que ele pode colaborar, no sentido de dar o recado em casa, então nós percebemos que são relações bastante distantes, que é bem diferente do modo de viver num bairro onde as pessoas ficam maior tempo e tem relações de rua, têm relações de convivência com os vizinhos, há um grande distanciamento."

O distanciamento de alguns moradores dos prédios expressa a qualidade de uma atmosfera social que não conseguiu superar totalmente a idéia do estranhamento, apontada por Bartolomeu. Em outras palavras, as marcas que ficaram do momento de implantação dos primeiros conjuntos habitacionais, onde pessoas de todas as partes da cidade foram ocupando os conjuntos, tanto os legalizados quanto os ilegais (os invasores de terras e de prédios já construídos e abandonados), ainda é muito presente no imaginário social presente em Cidade Tiradentes. Mas isso é também um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que a escola é muito requisitada para eventos públicos e privados e certas praças e áreas livres são muito freqüentadas aos finais de semana, a negação dos espaços públicos é uma das expressões mais marcantes da Cidade Tiradentes. A convivência ambígua entre o público e o privado expressa os termos de uma contradição onde existe a deterioração dos seus termos, o que é compreendido, de acordo com Lefebvre, como uma ambigüidade[143], marca do quotidiano e da cisão implicada nesse quotidiano ao nível do vivido e percebido.

A construção da possibilidade de uma identidade local, aliado a formas possíveis de concepção de uma cultura local é uma das preocupações da prática docente de Bartolomeu, e muito oportunamente analisada por Zilda como uma importante tentativa de "compreensão de outros modos de se apropriar e viver o urbano". Esse apropriar-se dos conteúdos do urbano é uma tarefa importante em um contexto onde segundo seu depoimento, a carência de espaços e demais equipamentos artísticos e culturais dificultam a construção e difusão dessa identidade cultural de Cidade Tiradentes. Viver o lugar significa construir laços

---

[143] Conforme tratamos este termo conceitualmente no capítulo 2.

de afetividade que permitam a possibilidade de construir outras formas mais articuladas de luta pelo lugar. As territorialidades vão se criando e recriando nesse contexto e as complexidades decorrentes desse movimento expressam a teia social presente na Cidade Tiradentes do início do século XXI.

Em relação ao local anterior de trabalho de Zilda, ela tece um interessante paralelo no tocante às relações quotidianas intra-escolares. A sua escola anterior, segundo o relato, tinha um quotidiano mais difícil, por conta da presença do tráfico de drogas, o que, aparentemente, não ocorre na escola onde Zilda trabalha atualmente. Entretanto, em relação às relações de vizinhança, elas pareciam ser mais sólidas, pois "sempre tem uma vizinha disposta, reunião do dia dos pais, sempre vem um vizinho pra vir acompanhar a reunião, levar o recado pra mãe, pra levar uma convocação; se o aluno tem um problema de saúde, você pode deixar com uma vizinha que mora do lado". Dessa forma, o mosaico sócio-espacial coloca uma complexidade que ultrapassa os objetivos deste trabalho. Compreender a cultura local e o seu processo de formação implica no entendimento dos signos e representações que compõem a trama social de Tiradentes.

> "O conselho de escola, por exemplo, nós estamos com dificuldade pra montar o conselho de escola aqui. [Em] outras escolas, existe uma participação efetiva maior dos pais, nessa organização do conselho de escola. As relações, as pessoas ficam mais, brincam mais na rua, então já tem as regras da rua que são diferentes das regras da escola. Então, você vai conseguindo apreender nesse olhar como é que as relações, elas vão funcionando. É um outro tipo de relacionamento, me parece que aqui há um distanciamento maior em relação a essas questões da prática social, do modo de viver no urbano. [...] Aqui a molecada é bem mais tranqüila, quando você faz um aconselhamento eles escutam mais, eles não partem para um conflito agressivo, é uma outra relação. [...] Estou tentando compreender, como é que circulam esses signos aí da rua, porque quando você trabalha num bairro as relações vão se produzindo diferente. Você sabe quem é quem. Num conjunto habitacional você não consegue perceber como essa identidade, ela está colocada, pelo menos assim, numa forma apressada de ver as coisas. Não tem como."

Ao que parece, a construção da Cidade Tiradentes, obedecendo à lógica que reservou essa área como lócus de implantação de grandes conjuntos habitacionais e produziu um gigante complexo de conjuntos, foi colocada por uma temporalidade e espacialidade que não permitiu a possibilidade de construção de relações de vizinhança muito sólidas. Os conflitos vários que se formam dentro do quotidiano de quem habita os prédios parecem todos serem reduzidos aos signos sociais do "respeito e disciplina". Essas palavras, apontadas por Bartolomeu, parecem regular toda uma atmosfera social onde não são pequenas as chances de haver conflitos de proporções maiores. Além disso, a Cidade Tiradentes concentra muito do crítico do urbano, a despeito de suas melhorias sentidas pelos moradores e freqüentadores do local pelo incremento das infra-estruturas urbanas.

No entanto, essas melhorias ainda não foram capazes de conferir à Cidade Tiradentes atributos do urbano que ultrapassem a barreira da satisfação básica das necessidades humanas. O irrisório desse urbano cindido, alienado, expressa até mesmo a carência de professores e demais profissionais, que não vêem ainda as escolas locais como possíveis de estabelecer laços permanentes. Neste ponto, entram as razões que levam muitos profissionais a escolherem outros locais de trabalho fora da Cidade Tiradentes.

> "Se você tem condições materiais melhores pra trabalhar, essa questão do espaço ela pesa, mas você vai valorizar bastante essas condições. A relação de aluno, essa diminuição de conflitos que você tem que enfrentar na sala de aula, que é uma produção de uma relação mais respeitosa, isso você considera bastante no universo da escola. [...] Por outro lado, o distanciamento em relação ao local que você mora também pesa bastante, porque se você for considerar vir de São Miguel Paulista pra cá são vinte quilômetros de vinda e vinte de retorno, enfrentando trânsito pesado. E se esse deslocamento for num transporte coletivo, são quase **três horas de deslocamento**. Então, você tem que pesar o tempo todo, se vale a pena você ter condições melhores de trabalho, pra você efetivar o seu trabalho ou pesar o seu deslocamento. Muitos consideram mais o deslocamento e muitos preferem ter condições melhores de trabalho. [...] Quando eu

> coloco que o professor, que ele passa de rodízio, é que se ele consegue uma remoção pra perto da casa dele, ele vai embora. O que poderia ter é uma política educacional voltada pra incentivar que esse professor continue aqui na Cidade Tiradentes. [...] O 'auxílio-distância' [que já existe] ainda é pouco se nós formos comparar a relação da localização central da cidade em relação ao extremo leste da cidade, é um distanciamento enorme. Eu acredito que tinha que ser uma política voltada pra um aumento desse auxílio-distância, que seria uma forma de manter bons professores e bons profissionais nesses locais afastados. Eu acredito que isso iria melhorar bastante as condições da educação."

Os depoimentos de Bartolomeu e Zilda sintetizam as territorialidades implicadas na instituição escola. São atravessadas por várias faces de relações sociais, por questões de fluxos e deslocamentos quotidianos, pela realidade de um lugar onde a urbanização crítica se coloca nessa qualidade. O quotidiano da escola, como vimos, é também afetado pela barreira geográfica implicada nos deslocamentos.

Entretanto, ficamos com as questões levantadas por Zilda no que diz respeito às condições materiais para construção de signos que estruturem uma cultura local. Essa cultura local, ainda não muito bem discernida pelo pouco tempo que Zilda trabalha em Cidade Tiradentes, parece estruturar uma diminuição dos conflitos intra-escolares, e tornar o ambiente da escola mais favorável ao processo pedagógico de ensino-aprendizagem.

Ambos depoimentos mostram também as complexidades inerentes à convivência e representações dos espaços públicos e privados. Ao mesmo tempo em que parece haver uma negação do espaço da rua (dado como perigoso) e também dos espaços possíveis de sociabilidade dentre os moradores dos prédios (expresso na relação de desconfiança com o vizinho), o espaço escolar, tal como um espaço público, une os termos dessa dicotomia entre o público e o privado. Além disso, a constante requisição do espaço da escola para a realização de festas e eventos revela a gritante ausência de outras alternativas no que diz respeito às possibilidades de vida, da festa, do vivido.

Trata-se, portanto, de um grande paradoxo, pois a mesma cultura local que nega a rua enquanto uma possibilidade do encontro, afirma o espaço da escola, da praça e demais espaços públicos como esse local privilegiado.

Assim, a rua inclui tão-somente os fluxos, o que é tão monofuncional quanto as moradias que servem apenas ao abrigo e a outras necessidades inerentes à sobrevivência estrita. O plano inicial da COHAB, que fora apontado por Ubirajara como interessante no tocante ao modelo fordista de produção de grandes conjuntos, se materializa na funcionalidade da "máquina de morar" da forma mais precária possível. A luta pelo espaço parece ser uma constante para os moradores dos apartamentos que, de tão reduzidos em seu tamanho e tão habitados por conta do tamanho das famílias, coloca a impossibilidade de vivência de um espaço vital.

A possibilidade de insurgência a essa ordem, que já começa no momento da imposição de uma moradia apertada, em um lugar distante dos locais possíveis de trabalho, de acesso ainda muito difícil para a maioria da população residente e onde as redes de sociabilidade são muito deterioradas por conta de toda essa imposição, se apresentam na materialidade das condições pré-estabelecidas.

O avesso da concepção, da ordem de uma "cidade" construída dentro de uma outra cidade para fins de "equacionar o déficit habitacional" se coloca no momento em que urge construir uma identidade local. A construção do "gostar de morar em Cidade Tiradentes", algo muito novo, segundo o depoimento de Bartolomeu, é um passo nessa construção identitária com o lugar. E as escalas de ação prática e quotidiana desse professor, em relação aos seus alunos, ultrapassam a escala do indivíduo. Ao mesmo tempo em que as formas individuais de luta de Bartolomeu são importantes para que os próprios moradores de Cidade Tiradentes compreendam os conteúdos gerais do urbano metropolitano, é preciso reconhecer que os limites a essas escalas de interação são dados pelas mesmas condições materiais estabelecidas. Ou seja, é o possível-impossível, o que une a insurgência como uma possibilidade no seio

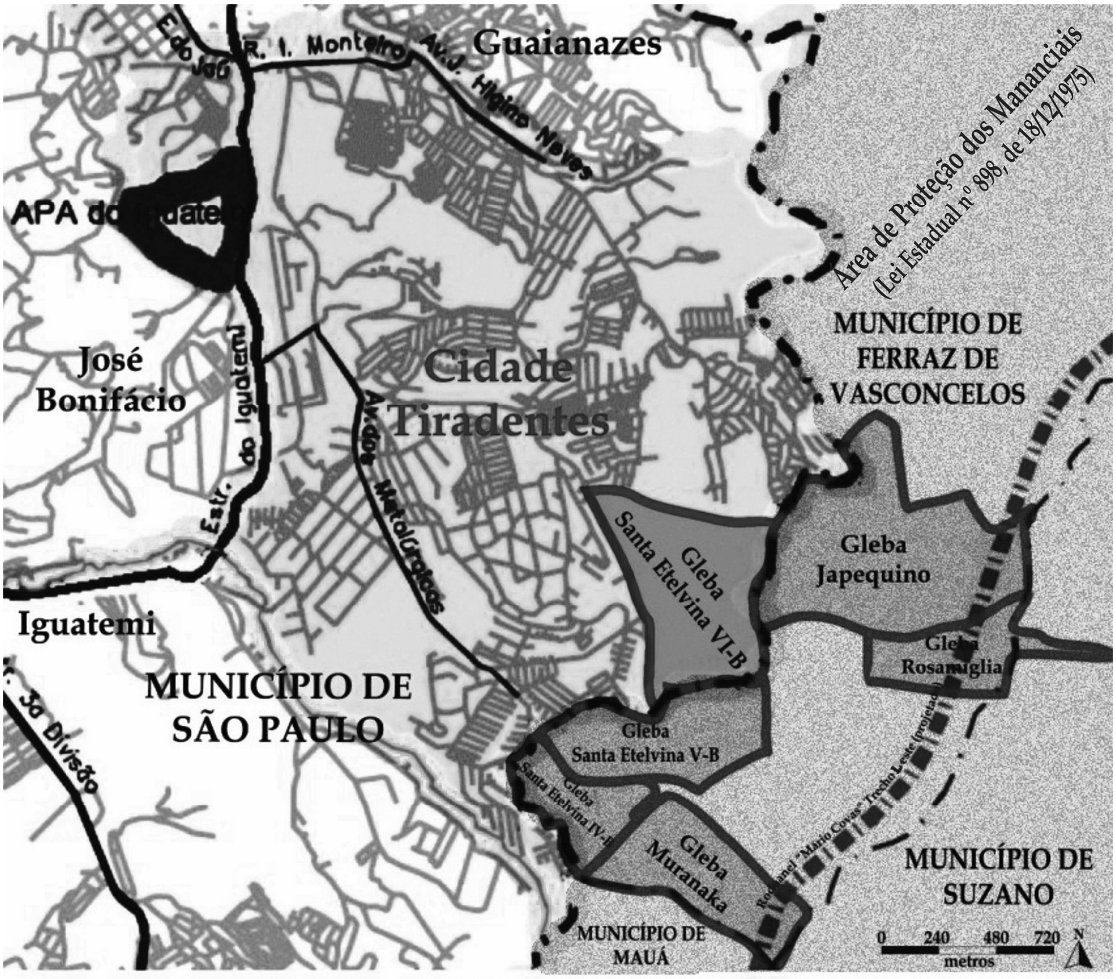
da construção de redes de sociabilidade atreladas à construção dessa cultura e identidade locais.

Porém, a busca pela possibilidade da insurgência, uma preocupação presente em todo o teor deste trabalho, expressa a metrópole enquanto um campo de lutas e de construção de várias territorialidades, por intermédio também das trajetórias e da circulação quotidiana. São os fluxos que definem a Cidade Tiradentes e toda a metrópole, e esses fluxos se colocam como importantes para desvendar o devir de uma localidade que tenta, a todo tempo, conquistar o quotidiano.

A luta pela conquista do quotidiano está marcada na textura dos territórios que se inscrevem na trama de relações sociais na Cidade Tiradentes; estes são fundamentais na compreensão dos conteúdos dos espaços locais. Para tanto, e de forma a fechar o ciclo de análises a respeito da realidade presente na Cidade Tiradentes contemporânea, investiguemos a trama de lutas envolvida com a chamada Mata das Sete Cruzes.

3.5.2. A Mata das Sete Cruzes: territorialidades da questão sócio-ambiental

Existe um interessante movimento em curso na Cidade Tiradentes, que combina várias escalas diferentes e pode nos levar à compreensão da forma como as territorialidades se compõem em um dado espaço. A Mata das Sete Cruzes é uma grande área de mata nativa, um dos poucos remanescentes de Mata Atlântica preservada dentro do município de São Paulo e de sua região leste. Ela está localizada numa grande área que corresponde partes dos municípios de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos, indo até os limites de Suzano e Mauá. Dentro da Cidade Tiradentes, está localizada na borda leste dos conjuntos Santa Etelvina, Barro Branco e Inácio Monteiro. O mapa abaixo mostra as glebas, pertencentes à COHAB, que são pleiteadas para a transformação dessas áreas (Santa Etelvina IV B, V B e VI B; Japequino; Muranaka e Rosamilia) numa Área de Proteção Ambiental (APA).



Fonte: EMEF Oswaldo Aranha Bandeira de Mello Elaboração: SILVA, M. R., São Paulo, 2008.

Mapa 10: As glebas não ocupadas pela COHAB-SP, existentes na região, de acordo com o mapeamento elaborado pelas organizações. Destaque-se que boa parte das áreas pleiteadas para a formação da APA encontra-se na Área de Proteção de Mananciais (hachurado).

Esse movimento é encabeçado, principalmente, por duas organizações – **Associação dos Trabalhadores de Itaquera e Adjacências (ATRIA)** e **Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste (FDZL)** – que, pelo menos desde o ano de 2003 tem organizado várias ações no sentido de transformar essa e outras áreas de Mata Atlântica nativa em Área de Proteção Ambiental, assim como pela preservação da APA do Iguatemi. Uma das primeiras reuniões que envolveu os poderes públicos municipais ocorreu no final desse mesmo ano, na EMEF Antônio Pereira Inácio, a qual contou com a presença do então "[...] Secretário do Verde e Meio Ambiente da PMSP Adriano Diogo, várias lideranças comunitárias importantes, o Diretor do SESC Itaquera Antônio José

Zacarias e muitos diretores do Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste."[144]

Segundo um documento de 15/01/2006, redigido por essas duas organizações e endereçado conjuntamente à Subprefeitura Cidade Tiradentes e à COHAB – SP,

> "Tudo que sobrou de vegetação da Mata Atlântica na Zona Leste da cidade de São Paulo é a **Mata do Carmo** no Bairro de Itaquera, a **Mata das Sete Cruzes** no Bairro da Cidade Tiradentes e Município de Ferraz de Vasconcelos, junto com alguns resíduos desta vegetação ainda em Cidade Tiradentes e o **Morro do Cruzeiro** na divisa do Bairro São Mateus e o Município de Mauá. Este patrimônio ambiental da Região Metropolitana vem sofrendo diuturna devastação. Para tentar reverter esta situação, nós [...] estamos fazendo uma campanha propondo o seguinte: **1) criação pelo Município da APA Cabeceiras do Rio Aricanduva e do Parque Ecológico Morro do Cruzeiro; 2) Criação da APA estadual Mata das Sete Cruzes e transformação dos pequenos resíduos de mata na Cidade Tiradentes, localizados em terrenos da COHAB, em pequenos parques municipais.**" [grifos do documento]

Essas áreas fazem parte de um divisor de águas de duas micro-bacias hidrográficas importantes do leste da Região Metropolitana de São Paulo: Rio Aricanduva, em São Paulo e Rio Guaió, em Suzano. No documento endereçado pelo ATRIA ao **Centro de Apoio de Urbanismo e Meio Ambiente do Ministério Público de São Paulo**, em 27/10/2006, consta:

> "A Mata Sete Cruzes, localizada na divisa dos municípios de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos, ainda abriga importante biodiversidade, possui inúmeras nascentes do Ribeirão Guaió que faz divisa entre os municípios de Ferraz de Vasconcelos e Suzano, além de apresentar grande beleza natural. Esse patrimônio ambiental vem sofrendo grande degradação. Por se tratar, como tudo indica, de terreno sem propriedade definida, algumas pessoas vêm estabelecendo posses na forma de chácaras já a coisa de uma década. Entretanto, alguns, cerca de duas dezenas, vêm

---

[144] Fonte: arquivo institucional da EMEF Oswaldo Aranha Bandeira de Mello.

> fazendo esse processo de forma a causar grande prejuízo ambiental. Há cerca de dois anos, uma ação da Polícia Florestal causou importante impacto e desencorajou em algum grau a devastação."

Trata-se de uma luta contra o iminente risco do processo de ocupação dessas áreas para abertura de loteamentos clandestinos, o que já vem ocorrendo nos últimos anos. E essa luta envolve também a EMEFM "Oswaldo Aranha Bandeira de Mello", cujo coordenador pedagógico, Almir[145], nos prestou um valioso depoimento; segundo seu relato, não são todas as áreas que correm este risco de forma imediata, somente as glebas que constituem os terrenos adquiridos pela COHAB – SP e que não foram utilizados na construção de conjuntos habitacionais. A área localizada entre as glebas Japequino, Rosamilia e Muranaka, dentro do município de Ferraz de Vasconcelos, não corre esse risco imediato porque, segundo sua opinião, são áreas particulares que não foram vendidas à COHAB; seriam, portanto, mais difíceis de serem invadidas, por conta do "sagrado" estatuto jurídico-institucional da propriedade privada da terra.

O envolvimento da escola com essa luta se dá também pela proximidade desta com um trecho da mata, que está localizada atrás da escola. Esse trecho tem sido também reivindicado, por parte da comunidade escolar, como local de implantação de um parque. É uma luta que se materializou na criação do Parque Municipal da Ciência, por força do Decreto Municipal nº 47.382, de 16/06/2006; este parque, ainda não implantado de fato, está localizado entre a Rua dos Têxteis e a Avenida dos Metalúrgicos. Agora, a luta é pelo cumprimento da lei, já que até meados de 2007, um ano depois da promulgação do decreto, a área destinada ao parque ainda contava com pontos de ocupação irregular de residências. Tal querela foi noticiada no Jornal da Tarde, numa edição do segundo semestre de 2007, e continha o seguinte teor,

---

[145] Agradecemos a ele pela gentileza de nos ter disponibilizado material para compor o quadro dessa luta neste trabalho.

> "Segundo Arthur Xavier, subprefeito da Cidade Tiradentes, o cercamento das áreas mais vulneráveis da mata nativa do entorno da Escola Oswaldo Aranha será realizado ainda neste semestre. Já o processo de cercamento de toda a área da mata (179.590,69 m²) está previsto para o final do ano. Em 2008, pretende-se dar início à obra estrutural do parque. O Parque da Ciência apresentará estrutura – criada por meio de proposta da comunidade – composta por: quiosques (separados por temas como água, energia, entre outros) e oficinas (de biologia, geografia e outras disciplinas). O gerenciamento será feito pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente."

Como se vê, trata-se de uma luta que envolve várias escalas e que também comportam suas territorialidades no tocante às práticas possíveis de quem vive a Cidade Tiradentes. A luta pela transformação dessas áreas compostas pela Mata das Sete Cruzes empreende uma vontade de transformação local. Entretanto, resta saber quão institucionalizadas se tornarão essas lutas, e como sua possibilidade de institucionalização servirá às tramas dos interesses políticos e econômicos dos grandes grupos que crescem sobre a administração da pobreza.

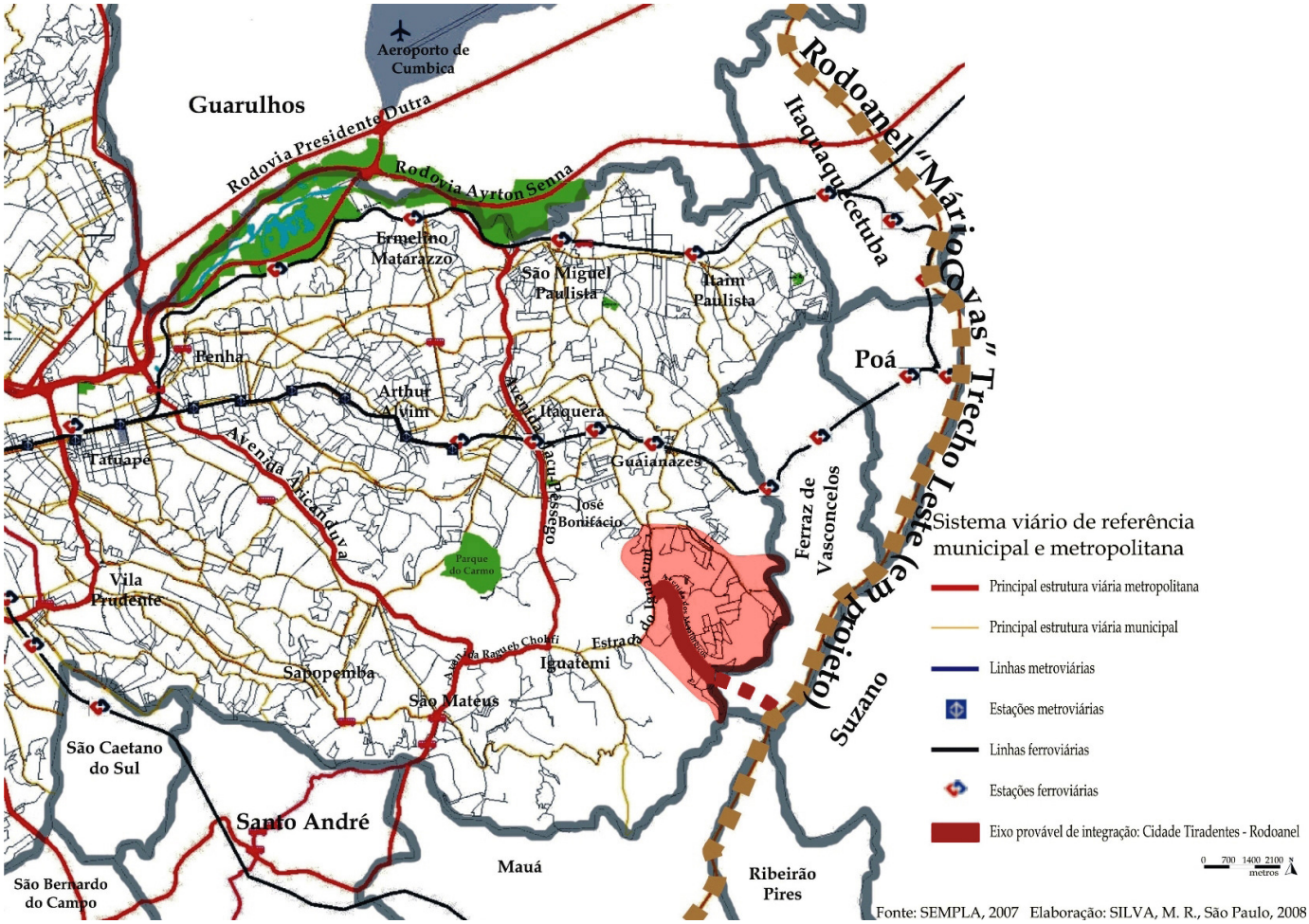
Assim, essa luta pela instituição de APAs e pela implantação do Parque da Ciência revela as faces de uma realidade cuja característica vai muito além das clássicas análises a respeito das periferias urbanas como lócus de precariedade, pobreza e demais carências extremas. Tais periferias, ainda pautadas por todas essas vicissitudes, conhecem uma complexificação das formas de pobreza, atreladas ao desenrolar de uma economia financeirizada que redefiniu os fluxos e as trajetórias de milhares de pessoas. Trata-se, mais uma vez, dos termos do crítico redefinindo suas territorialidades no seio de uma área florestada que excede os limites do município de São Paulo, regado ao clássico déficit habitacional nunca solvido. A luta pela preservação da mata, além de articular a escala do ambientalismo mundial com uma realidade local, expressa o crítico de uma população que é atravessada no seu quotidiano pelos adensamentos e outras formas de provisão habitacional, estatal ou privada. São

os termos do "puxadinho", assinalados por Roberto, que unem essas escalas e a tentativa de sua superação.

3.6. Territórios do possível: como apreendê-los?

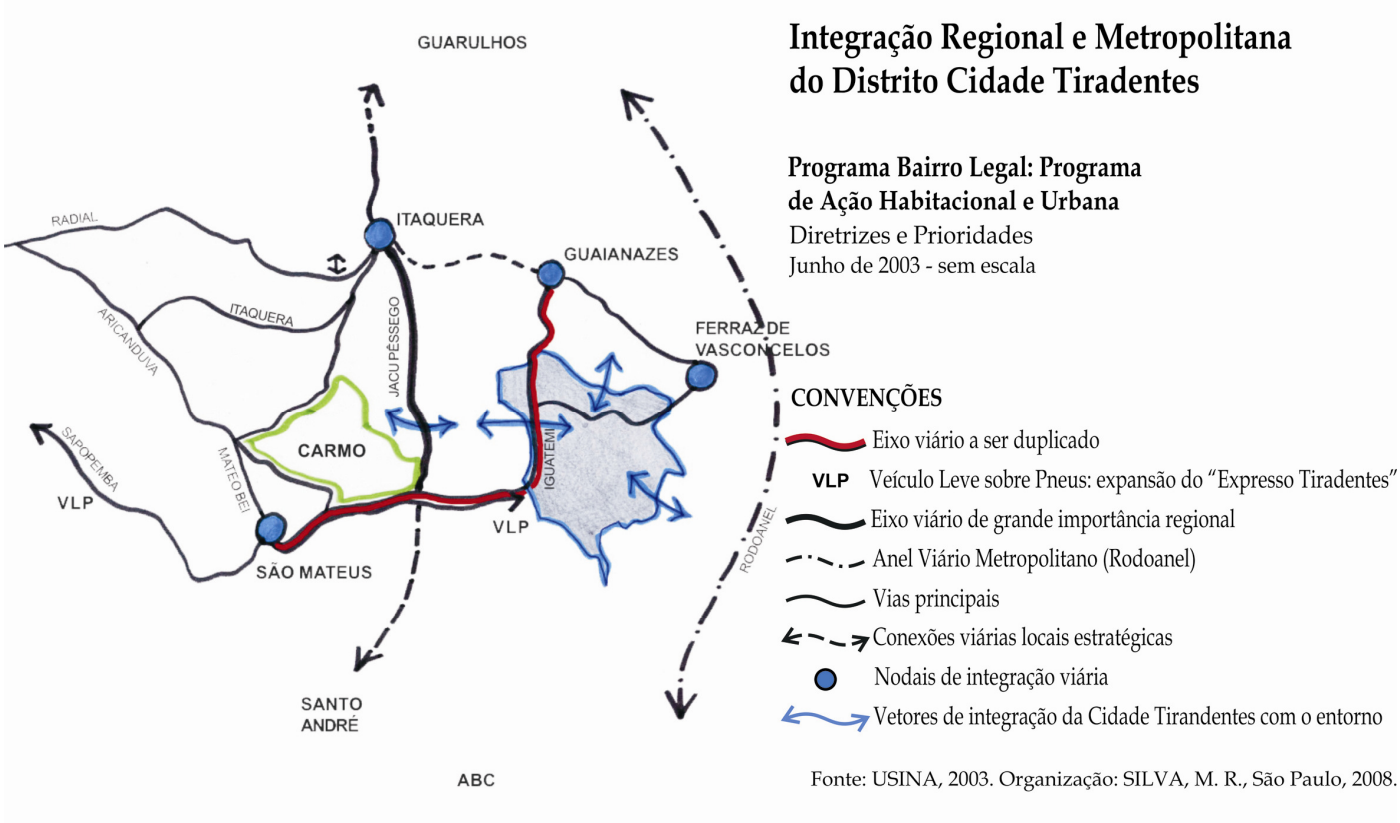
As possibilidades são inúmeras, e as territorialidades indicadas nesse capítulo perfazem apenas uma ínfima parte de um universo de centenas de milhares de habitantes que vivem o lugar e seus constantes fluxos.

E por falar em fluxos, apresentamos outra problemática que se coloca na análise da atual Cidade Tiradentes: a presença do trecho leste do Rodoanel Metropolitano. O Rodoanel, que vem redefinindo as territorialidades e os usos do solo da metrópole, é um grande empreendimento que rasga grandes nesgas desses locais povoados pelas "hiper-periferias". E a Zona Leste, tal como a Cidade Tiradentes, não poderia ficar de fora disso.



Mapa 11: A Zona Leste de São Paulo, tendo o destaque em vermelho para o distrito Cidade Tiradentes. Nota-se que a malha viária da Zona Leste conflui a três direções principais: **Itaim Paulista** (a nordeste), **Guaianases** (a centro-leste) e **Cidade Tiradentes** (a sudeste). A imediata conexão da Cidade Tiradentes com o Rodoanel, portanto, parece inevitável frente aos projetos de incremento da malha viária da Zona Leste.

A possibilidade da Avenida dos Metalúrgicos ter uma ligação direta com o trecho leste do Rodoanel marca uma gigante reviravolta no teor de sua estrutura urbana. Sendo um lugar onde as dificuldades de locomoção são endêmicas, desde os mais remotos tempos, coloca-se a possibilidade concreta da região fazer fluir os fluxos metropolitanos. Exemplo: poderia existir melhor ligação da região de Itaquera e Guaianases com o Rodoanel e, posteriormente, com as rodovias que ligam a capital paulista às praias da Baixada Santista do que a passagem pela Avenida dos Metalúrgicos, no "centro" da Cidade Tiradentes? Os fluxos, mais uma vez, poderão definir a Tiradentes do futuro, agora como local de passagem...



Mapa 12: esquema de modais possíveis de transporte público em consonância com projetos vários, tais como o PDZL (Plano de Desenvolvimento da Zona Leste) e Operação Urbana Pontal Leste, o que propõe maior integração da Cidade Tiradentes ao entorno.

Assim, a reviravolta dos papéis metropolitanos dos lugares se redefine com estratégias espaciais diversas. A eliminação das barreiras espaciais é um penoso serviço para os detentores do grande capital, e os fluxos são as "veias abertas" desse processo. Mais uma vez, voltamos à figura dos desbravadores e pioneiros da Fazenda Santa Etelvina da década de 1960 e dos conjuntos habitacionais da década de 1980, que foram responsáveis por esquentar o lugar para os futuros processos de valorização. Essa é a grande valorização em ato, em projeto, que muito em breve deverá se concretizar.

Além disso, existe a Mata das Sete Cruzes no meio do caminho. Quais serão os futuros termos dessa luta? E, em relação à Cidade Tiradentes, como será seu futuro dentro de tudo isso? Não existe uma "futurologia" capaz de indicar o caminho inevitável para tanto, mas é de se pensar que alguns possíveis estão em pleno ato. São vários os futuros possíveis para a região, tal como são várias as suas territorialidades e tramas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento deste trabalho procurou revelar algumas faces do processo de constituição e afirmação da Cidade Tiradentes como um gigante complexo habitacional dentro da metrópole paulistana. Assim, essa afirmação das antigas terras de Santa Etelvina como lócus possíveis de construção de conjuntos habitacionais de grande porte passou por inúmeros processos de transformação da fisionomia e das estruturas locais. A propriedade privada da terra, estatuto jurídico que rege grande parte das relações possíveis dentro do modo capitalista de produção, parece ser afirmada e negada em todo esse processo de constituição do urbano na região, o que denota seu movimento dialético com vistas à supressão do rural e à afirmação do urbano no local.

No entanto, não é um movimento findado, pronto; as fissuras e os campos de práticas vão compondo certas territorialidades que se fazem importantes no tocante à compreensão de sua natureza. Assim, o Estado que produziu enquanto concepção uma Zona Leste possivelmente pontuada de grandes conjuntos habitacionais em consonância com algumas zonas industriais que possivelmente seriam implantadas produziu como prática uma região muitíssimo carente de empregos onde a grande maioria de sua população precisa se deslocar a grandes distâncias quotidianamente. O desnível entre o político e o econômico impôs um limite aos termos da execução desse plano: enquanto as indústrias saíam de São Paulo e a economia brasileira como um todo aprofundava seu ciclo recessivo combinado a altíssimas taxas de inflação, os distantes conjuntos habitacionais Santa Etelvina e Barro Branco começavam a ser implantados. Implantação significa a realização do ciclo da mercadoria via poder público: os primeiros mutuários começam a chegar e, junto com os invasores que ocuparam os vazios deixados por mutuários que não ocuparam suas unidades habitacionais, "desbravaram" e "esquentaram" a terra, que teria em curso futuras formas de valorização. O custo de tudo isso é conhecido: um imenso local onde não havia a mínima infra-estrutura possível de transportes, serviços, equipamentos comerciais e lazer para sua população. O crítico do

modo "fordiano" de produção se mostrou em sua face mais dramática, impondo o monofuncional do morar em si, sem qualquer benesse em relação às possibilidades que o entorno poderia oferecer.

O movimento das entrevistas, que compôs grande parte deste trabalho, vem ratificar um processo que se deu no entrecruzamento de discursos e práticas vários e definiu as territorialidades e escalas em relação ao vivido e às lutas decorrentes desse vivido. Assim, a trajetória de todos que contribuíram para este trabalho por força de seus depoimentos, é completamente marcada pela experiência de um urbano que não se realiza senão enquanto mercadoria, e impõe o crítico como sua expressão máxima a imensa maioria da população urbana. **É o urbano que convive lado a lado com a sua negação, e pela vontade e necessidade de ascensão ao quotidiano.**

A ascensão ao quotidiano vem acompanhada pelo estranhamento, pela percepção de que processos de valorização do espaço produzem um espaço amnésico, sem memória, sem as referências que poderiam balizar outras formas de luta e outros possíveis, para além das binaridades quotidianas. O jogo social se intrinca ao território e lança suas capilaridades no interior do quotidiano de todos. Assim, ao mesmo tempo em que as dificuldades de deslocamento são ainda várias, os moradores da Cidade Tiradentes contemporânea reconhecem as transformações no seu espaço calcadas na representação do positivo da implantação de equipamentos de serviços, comércio e lazer. A presença do Hospital, do recém-inaugurado CEU Água Azul, de grandes supermercados e de um terminal de ônibus urbanos aparece como um grande avanço frente às estruturais carências de um distrito quase isolado do restante da metrópole.

Mais uma vez, percebemos que o Estado e a economia política (duas faces da mesma moeda, nos termos dessa sociedade) atravessam o quotidiano e o vivido de muitos moradores. O caso das possíveis transformações na "entrada" de Cidade Tiradentes junto com as lutas pela preservação dos remanescentes de Mata Atlântica da região perfaz uma complexa e interessante teia de práticas que cifram os termos da urbanização crítica.

A construção de uma identidade local parece ser uma preocupação de quem começa a ter esse desafio como interessante. As escolas que são mencionadas nessa pesquisa parecem funcionar como lócus de muitas práticas de luta e construção de outros territórios possíveis. O repensar da história de Cidade Tiradentes, promovido pelo professor Bartolomeu, juntamente à luta pela implantação do Parque da Ciência, por parte da comunidade escolar da "Oswaldo Aranha" são alguns exemplos de projeção de possibilidades para o crítico da Cidade Tiradentes. O "gostar de morar em Cidade Tiradentes" significa muito mais do que o recurso a um localismo ou bairrismo, pois denota a possibilidade de reconhecimento autônomo da importância do lugar como a importância dos moradores tal como sujeitos políticos que vivem o mais crítico do urbano.

Percebemos que, dentro de todo esse movimento, os fluxos e as trajetórias marcam as paisagens e a vida de Tiradentes, desde tempos imemoriais. A presença desses deslocamentos perfaz trajetórias que são atravessadas pelas mais diversas escalas e territorialidades do espaço-tempo da metrópole e suas ramificações perante seu entorno não-urbanizado.

Trata-se, no entanto, de um trabalho que não admite conclusão, pois a realidade, em sua grande complexidade, pode trazer alguns desvios em relação ao que concluímos. O que resta, nesse momento, é a indicação de pesquisas futuras que visem o aprofundamento de algumas questões muito importantes que foram aparecendo no desenrolar deste trabalho. Uma delas seria um estudo do papel da COHAB e de outros órgãos e entidades na construção da Zona Leste, dentro de uma análise interna das políticas públicas concebidas para tal região; isso envolveria um levantamento de processos de compra e venda das terras locais, assim como de documentos que indiquem as formas de implantação dos conjuntos habitacionais, de forma a constituir uma genealogia das formas de propriedade privada da terra vigentes nessa região da cidade. Outra questão muito importante reside na compreensão das formas de relações sociais dentro da Cidade Tiradentes, com vistas à possível construção de uma

cultura local, conforme fora indicado pela coordenadora pedagógica Zilda. Isso envolveria uma necessidade de recorrer à Análise Institucional e à implicação no contexto do vivido quotidiano de Cidade Tiradentes.

A luta pela constituição das áreas de mata preservada da região em APAs, juntamente com a possibilidade da passagem do trecho leste do Rodoanel pela região seria uma outra linha de pesquisa a ser desenvolvida no futuro. Os conteúdos dessa reconversão dos fluxos locais em fluxos metropolitanos poderiam nos indicar processos futuros de composição das estruturas urbanas locais, junto ao vivido dos moradores da região.

Enfim, é uma região que tem conhecido profundas transformações, mas, no entanto, ainda não conseguiu superar o seu crítico. Dentro de um quotidiano alcançado por algumas pessoas, é preciso aventar para a possibilidade de ir para além desse quotidiano, a conquista de um urbano que realmente atenda aos propósitos de realização do humano, para a superação do fetiche da mercadoria e de todas as formas de opressão e exclusão advindas desse cruel processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Sônia (org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral.** São Paulo: Hucitec, 2004.

ARANTES, Antônio A. (org.) **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000.

AZEVEDO, Aroldo Edgard de. **Subúrbios orientais de São Paulo.** Tese de Livre-Docência. São Paulo: FFCL – USP, 1945.

BATAILLE, Georges. **A Parte maldita.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1967.

BOLAFFI, Gabriel e CHERKEZIAN, Henry. **BNH, bode expiatório.** In **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, nº 13, outubro de 1985.

BONDUKI, Nabil e ROLNIK, Raquel. **Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente da reprodução da força de trabalho.** In MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria.** São Paulo: Estação Liberdade, 2004. (4ª edição).

BOTELHO, Adriano. **O financiamento e a financeirização do setor imobiliário: uma análise da produção do espaço e da segregação sócio-espacial através do estudo do mercado da moradia na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH – USP, 2005.

BRANT, Vinícius Caldeira (org.). **São Paulo: Trabalhar e Viver.** São Paulo: Comissão de Justiça e Paz / Brasiliense, 1989.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Editora 34, 2003 (2ª edição).

CARLOS, Ana Fani Alessandri e CARRERAS, Carles (org.) **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole.** São Paulo: Contexto, 2005 (Novas abordagens. Geousp; vol. 4).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida quotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHERKEZIAN, Henri. **¿Donde está la plata?** São Paulo, 2007. (mimeo).

DAMIANI, Amélia Luísa. **A cidade (des)ordenada: concepção e quotidiano no Conjunto Habitacional Itaquera I.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH – USP, 1993.

DAMIANI, Amélia Luísa. **População e Geografia.** São Paulo: Contexto, 2004. (8ª edição)

DAMIANI, Amélia Luísa. **Urbanização Crítica e Situação Geográfica a partir da Metrópole de São Paulo.** In CARLOS, Ana Fani Alessandri e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Geografias de São Paulo 1: Representação e Crise da Metrópole.** São Paulo: Contexto, 2004.

DAMIANI, Amélia Luísa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (org.). **O espaço no fim de século: a nova raridade.** São Paulo: Contexto, 2001 (Novas abordagens. Geousp; vol. 1).

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais em São Paulo.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas / Fapesp, 2005.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.** São Paulo: Cortez / Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI)**. São Paulo: Asplan S/A; Grupo de Planejamento Integrado S/A; Neves & Paoliello S/C Ltda., 1970.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 2005. (14ª edição)

HARVEY, David. **Espaços de esperança.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Justice, Nature and the Geography of Difference.** Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

HARVEY, David. **Limits to Capital.** London: Verso, 2006.

HARVEY, David. **O novo imperialismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **The Urbanization of Capital.** Oxford: Basil Blackwell, 1985.

HIRAO, Silvia Eri. **Ser jovem em Cidade Tiradentes: um estudo exploratório.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FE-USP, 2008.

JAPPE, Anselm. **As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor.** Lisboa: Antígona, 2006.

KOWARICK, Lúcio (org.) **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (2ª edição)

KOWARICK, Lúcio e BRANT, Vinícius Caldeira (coord.). **São Paulo 1975: crescimento e pobreza.** São Paulo: Edições Loyola, 1976.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. (2ª edição).

KURZ, Robert. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d'une sociologie de la quotidienneté.** Paris : L'Arche Éditeur, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Ediciones Peninsula, 1978. (4ª edição)

LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y la Ausencia.** México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space.** Oxford / Cambridge: Blackwell, 2001.

MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

MARICATO, Ermínia. **Indústria da construção e política habitacional.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAU – USP, 1984.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MARICATO, Ermínia. **Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro à crise econômica.** Petrópolis: Vozes, 1987.

NAKANO, Anderson Kazuo. **Quatro COHAB's da zona leste de São Paulo: território, poder e segregação.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU – USP, 2002.

NASCIMENTO, Rômulo Pereira. **Relações sociais em Cidade Tiradentes : um estudo preliminar das relações entre educação e moradia.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FE – USP, 1998.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes: Plano de Ação Habitacional e Urbano (Programa Bairro Legal).** São Paulo: Usina – Centro de trabalhos para o ambiente habitado, julho de 2003. 142 p.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **O poder em São Paulo: história da administração pública na cidade.** São Paulo: Cortez, 1992.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado.** Lei Municipal nº 7.688, de 30/12/1971.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Planos Regionais Estratégicos: Município de São Paulo, subprefeitura Cidade Tiradentes.** São Paulo: Secretaria de Planejamento Urbano, 2004. (Série documentos)

RAYMOND, Henri et alli. **L'habitat pavillionaire.** Paris: L'Hamattan, 2001.

ROLNIK, Raquel. **Cada um no seu lugar! (São Paulo, início da industrialização: Geografia do Poder).** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU – USP, 1981.

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires.** Paris: Gallimard, 1997.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **O papel da iniciativa privada na formação da periferia paulistana.** In **Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos.** São Paulo, nº 37, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação.** Editora Hucitec / ANPUR, 1994.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes, meu bairro, minha cidade: você também faz parte dessa história.** São Paulo, 2004.

SLOMIANSKY, Adriana Paula. **Cidade Tiradentes: a abordagem do poder público na construção da cidade. Conjuntos Habitacionais de Interesse Social da COHAB-SP (1965-1999).** Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 2002.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SOMEKH, Nadia e CAMPOS, Candido Malta (org.). **A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX.** São Paulo: Editora Mackpesquisa, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TELLES, Vera da Silva e CABANES, Robert (org.). **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais: afinal, do que se trata?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania.** São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia / Editora 34, 2001.

USINA – Centro de trabalhos para o ambiente habitado. **Plano de Ação Habitacional e Urbana: Diagnóstico. Distrito Cidade Tiradentes. Relatório Técnico 3.** São Paulo, abril de 2003. 78 p.

USINA – Centro de trabalhos para o ambiente habitado. **Plano de Ação Habitacional e Urbana: Diretrizes e Prioridades. Distrito Cidade Tiradentes. Relatório Técnico 4.** São Paulo, junho de 2003. 32 p.

VANEIGEM, Raoul. **A Arte de Viver para as novas gerações.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel / FAPESP / Lincoln Institute, 1998.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

SITES CONSULTADOS

Centro de Estudos da Metrópole: http://www.centrodametropole.org.br/home.html

COHAB-SP: http://portal.prefeitura.sp.gov.br/empresas_autarquias/cohab

Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A (Emplasa): http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/index.asp

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: http://www.ibge.gov.br/home/

Legislação Federal do Brasil: http://www.presidencia.gov.br/legislacao/

Prefeitura do Município de São Paulo: http://www.capital.sp.gov.br/portalpmsp/homec.jsp

República Federativa do Brasil: http://www.brasil.gov.br/

Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo: http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/

MATERIAL CARTOGRÁFICO

BASE AEROFOTOGRAMETRIA E PROJETOS S/A. São Paulo, 1972/1973. 9 fotografias aéreas. Fxs. 291L, 292H e 293H.

BASE S/A. São Paulo, 1994. 4 fotografias aéreas. Escala 1:25.000. Fxs. 16 e 17.

SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Instituto Agronômico. São Paulo, 1962. 6 fotografias aéreas. Fotos nº 4.317 a 4.319 e 4369 a 4371.

Todas as fotografias aéreas mencionadas acima foram adquiridas no Arquivo de Fotografias Aéreas do Laboratório de Sensoriamento Remoto (Lasere) do Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

GOOGLE EARTH, versão 4.3 (Beta). Maplink/Digital Globe, 2008.